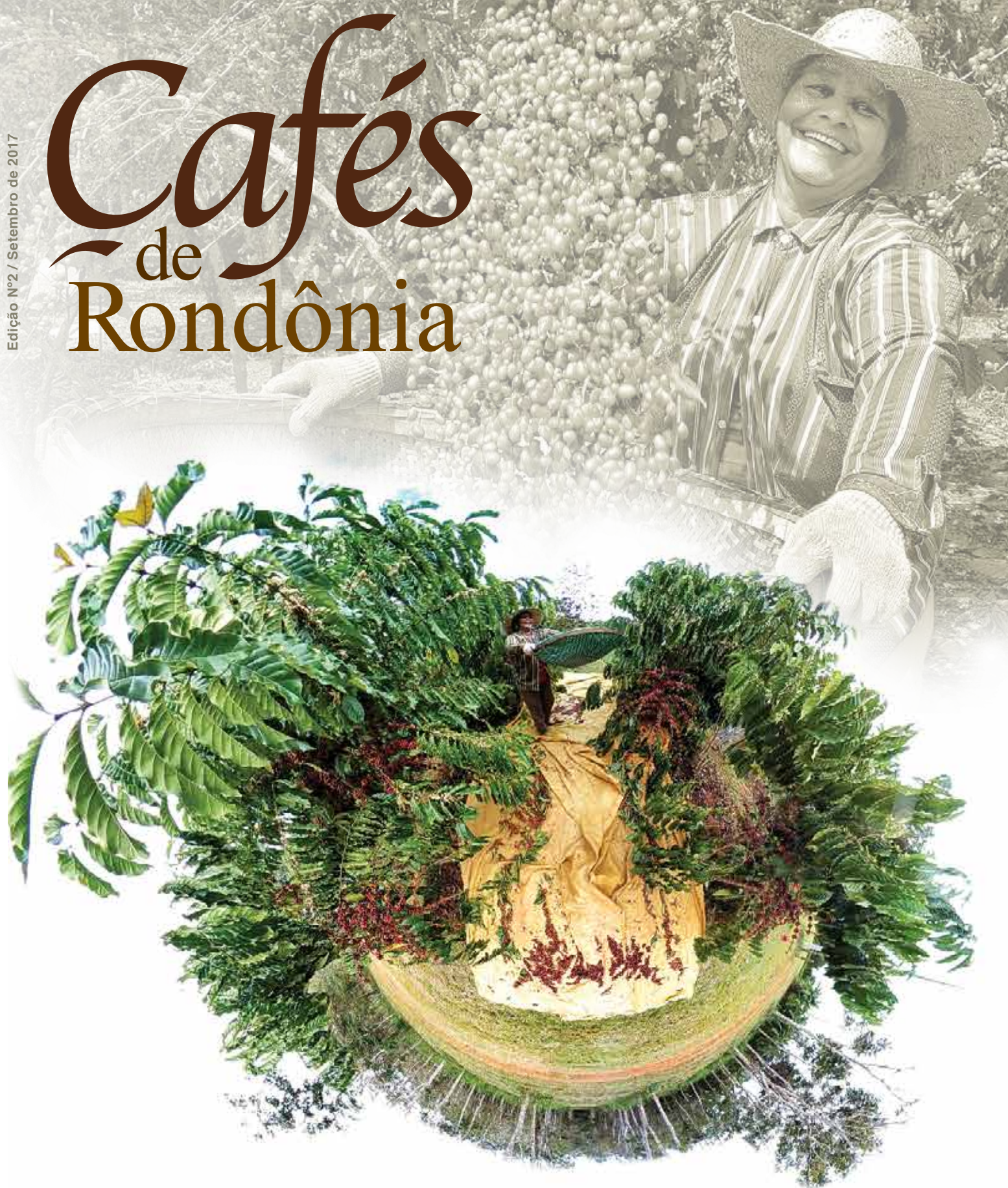


Edição Nº2 / Setembro de 2017

Cafés de Rondônia



O mundo do café na Amazônia





Ouro Negro

Leida Etelvina da Silva,
Embrapa Rondônia

No campo a perder de vista
Matizados em cores
Onde predomina o branco
Tal qual as nuvens;
É a florada do cafezal
Aromas em biomas
Numa beleza sem igual
Confunde-se com o natal
Em sua alva relva
Em flores que cobrem o campo
O solo, o colo do colhedor
Após o banquete dos polinizadores
Virá o fruto, que em sua metamorfose
Pintar-se-á de muitas cores
Até transformar-se no ouro negro;
Como nas mãos do oleiro
As sementes serão quebradas, trituradas
Ao limite do pó, e ganhará o mundo
Feito gira mundo, ouvirá o despertar do galo
O vai e vem dos automóveis
Estará em todas as mesas, da grande massa à realeza
Servido em copos simples, ou em finíssima porcelana
Permeia todos os campos pouco importa onde é
Pois em todos estará presente um saboroso CAFÉ!

CARTA AO LEITOR

7

HISTÓRIA



Uma história sobre a história do café em Rondônia

8

CENÁRIOS

3%
Outros



Muda o estado, muda o status

10

ENTREVISTA



Rondônia, um Estado de oportunidades

20

AÇÕES DE INCENTIVO



Café de Rondônia: ampliar, especializar e agregar valor

24

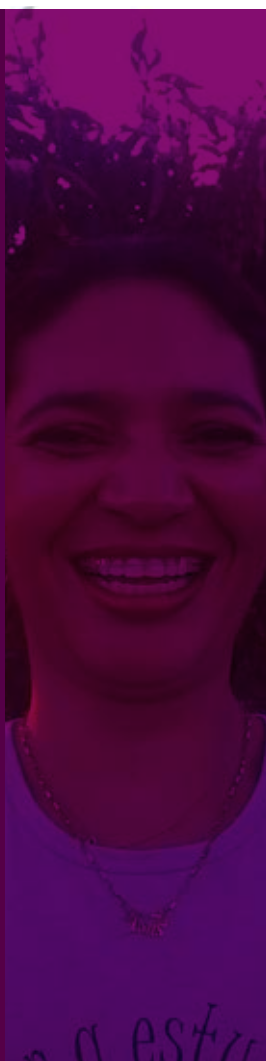
SUSTENTABILIDADE



Sustentabilidade do café, Rondônia mostra o caminho

28

ESPECIAL



Mulheres do Café em Rondônia

38

PESQUISA



Rondônia avança na cafeicultura e aposta na colheita semimecanizada

46

QUALIDADE



Mais sabor, por favor!

68

Revista Cafés de Rondônia

Sabor e qualidade que vêm da Amazônia

Embrapa Rondônia

Rodovia BR-364, Km 5,5, Zona Rural
CEP: 76815-800 - Porto Velho – RO
Fone: (69) 3219-5004
sac@embrapa.br
www.embrapa.br/rondonia

Chefe-geral

Alaerto Luiz Marcolan

Chefe-adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento

Alexsandro Lara Teixeira

Chefe-adjunto de Transferência de Tecnologia

Frederico José Evangelista Botelho

Chefe-adjunto de Administração

Luiz Paulo Severiano Fernandes Neto

EXPEDIENTE

Editora Executiva: **Renata Kelly da Silva**

Editor técnico: **Enrique Anastácio Alves**

Projeto gráfico: **Rafael Alves da Rocha**

Revisão: **Wilma Inês de Franca Araújo**

Publicação: **Anual / Ano 2 – setembro de 2017**

Disponível em: **www.embrapa.br/rondonia/cafes-de-rondonia**

Tiragem: **1.500**

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e de inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Apoio



Parceiro

Resolução do Conder - 13/2017 / Conder

Superintendência de
Desenvolvimento do Estado de Rondônia



Realização



Velhas histórias, novos caminhos

A cafeicultura, definitivamente, é uma das principais atividades agrícolas do País e, de certa forma, se confunde com a sua história. A região Amazônica sempre teve importância para a cultura do café. Tanto que o primeiro plantio no Brasil ocorreu próximo a Belém do Pará, no início do século XVIII. Neste período, o café já era um produto de grande valor comercial no mundo ocidental. No entanto, a produção comercial do café na região Amazônica só obteve expressão a partir da década de 1970, especialmente no Estado de Rondônia, que teve suas terras colonizadas por imigrantes de tradicionais regiões produtoras de café, como Paraná, Minas Gerais e Espírito Santo.

Toda essa tradição e cultura do café faz com que Rondônia mereça destaque na produção nacional. Nos últimos anos, a cafeicultura do estado tem passado por transformações positivas, com adoção de tecnologias e aumento da eficiência. Estes avanços conquistados são frutos de muito esforço dos produtores, apoio de instituições de pesquisa, extensão rural e ações governamentais. Há ainda muitos po-



tenciais a serem aproveitados e desafios a superar.

Neste contexto, a revista **Cafés de Rondônia** traz, em sua segunda edição, as principais questões sobre a produção e comercialização do café no estado. Apresenta os avanços alcançados, os principais desafios para a cafeicultura de Rondônia, ações governamentais, e estratégias de pesquisa e extensão rural. De forma geral, é traçado um perfil atualizado desta cadeia produtiva, reunindo artigos e matérias jornalísticas de instituições, empresas e atores do setor de café. Dentre eles destacamos a mulher no campo e seu papel fundamental no desenvolvimento dessa cultura tão importante às famílias rurais.

O café é mais que campo. É também ciência, tecnologia, prazer, história e muita cultura. Foi uma jornada e tanto reunir todos estes profissionais e promover reflexões e o conhecimento do que está acontecendo no mundo do café em Rondônia. Esperamos que o conteúdo desta publicação chegue tão longe quanto os cafés produzidos no estado. Recomendamos uma leitura atenta de todos os temas, de preferência acompanhada de um bom café.

Alaerto Marcolan,

Chefe-geral da Embrapa Rondônia

Uma história sobre a história do café em Rondônia

Muito mais perguntas que respostas, dúvidas que certezas

César A. D. Teixeira,
Embrapa Rondônia

Theóphilo Shockness ao lado de um pé de café da década de 1950.

“Meus pais tomavam café de plantas cultivadas aqui em nosso quintal”, disse-me o senhor Teóphilo e completou esclarecendo que ainda existe uma delas por ali. Dito assim, em Rondônia, em pleno ano de 2017, era de se esperar que o senhor Teóphilo fosse descendente de paranaenses ou capixabas, correto? À primeira vista, sim, dado que, atualmente, é bem difundido o pioneirismo destes no estabelecimento dos primeiros plantios de café arábica e robusta ao longo da BR 364, entre as décadas de 1960/1970.

Mas, parece não ser o caso. Afinal, a história do senhor Teóphilo nada tem haver com a abertura da BR. Ele me confirmou lúcido, aos 84 anos, se recordar que aquela planta está no seu quintal, desde pelo menos, a década de 1950, talvez mais. Nesse ponto, esclareço que os pais do senhor Teóphilo, cujo sobrenome é Shockness, são da Ilha de Granada e fizeram parte do reverenciado grupo de caribenhos, que veio para Rondônia no início do século XX para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM).

Fui ver a planta, mas não consegui definir se tratar de um café “arábica”, “robusta” ou outra espécie, menos conhecida. De fato, é um cafeeiro de idade avançada e significativamente diferente dos que temos nos plantios comerciais rondonienses. Perguntei ao senhor Teóphilo sobre a origem daquele café. Ele disse não estar seguro, mas acha que seu irmão havia conseguido as sementes no Pará. Quando? Não estava certo. Entretanto, há barbadianos que afirmam que as sementes de seu café foram trazidas do caribe entre 1905-1912, quando vieram para Porto Velho.

Então, é razoável aceitar que o café chegou a Rondônia bem antes da abertura da BR-364. Mas, assumindo essa verdade, várias questões passam a ser pertinentes, como: a quem coube à primazia de plantar café aqui? como e quando isso aconteceu? de onde vieram essas sementes? Para respondê-las, busquei ajuda do historiador Marco A. D. Teixeira, da Universidade Federal de Rondônia. Verifiquei que, apesar da surpreendente história do senhor Teóphilo, a literatura indica que, também, não foram os barbadianos os primeiros a cultivar e saborear café daqui.

A primazia parece ter cabido a outros “migran-

tes”, bem mais antigos. E aí, me deparei com duas possibilidades: uma, a dos escravos que, ao final do século XVIII, fugindo de Vila Bela da Santíssima Trindade (no, hoje, Mato Grosso), estabeleceram quilombos no Vale do Guaporé (hoje Rondônia), e teriam trazido consigo sementes de café. A outra possibilidade resultaria da ação planejada dos portugueses que introduziram vários cultivos no Vale do Guaporé, incluindo o café, na segunda metade do século XVIII, com objetivos comerciais.

De qualquer forma, a origem provável, desse café no Vale, seria de sementes trazidas do Grão-Pará (hoje Pará) durante a “reforma da agricultura” estabelecida como parte das grandes reformas realizadas pela coroa portuguesa (entre 1750 e 1777), sob a liderança do Marquês de Pombal. Naquele período, os portugueses promoveram o fortalecimento de várias áreas da Amazônia, incluindo a região conhecida atualmente como Rondônia. Dentre as ações, a agricultura (com o café e outros produtos) foi considerada estratégica, econômica e militarmente, para o império português. Daí resultou que, até parte do século XIX, o café foi um dos itens comercializados naquela região.

De certa forma, como a monarquia portuguesa no século XVIII, a república brasileira, dois séculos depois, entre os anos de 1960 e 1980, promoveu mais um plano de ocupação da Amazônia. É neste contexto, que a abertura da BR364 possibilitou a “reintrodução” do café em terras rondonienses. Os pioneiros desta nova época são brasileiros vindos de todo o país, especialmente, do Espírito Santo, Paraná e Minas Gerais. Aqui, superando, com brilhantismo, enormes dificuldades, em pouco mais de duas décadas, levaram Rondônia a se tornar um dos cinco maiores produtores de café no Brasil.

Essa é uma pequena história da história do café em Rondônia. Ela nos conduz a muito mais perguntas que respostas, dúvidas que certezas. Mostra-nos um vazio “amazônico” aguardando por ser ocupado com informações precisas. Porém, mais importante, essa pequena história alarga os horizontes da epopeia humana no trato desta planta tão fantástica.

Agradecimentos:

Theóphilo Shockness, Carlos Shockness, Marco A. D. Teixeira.

Muda o estado, muda o status

A incipiente revolução na cafeicultura de Rondônia é reflexo direto de duas mudanças no consumo global de café: o aumento na demanda global por robustas e a valorização de produtos com maior qualidade e diferenciação ao final da cadeia

Jefferson Carvalho,
Eng. Agrônomo, com mais de 10 anos como
analista de mercados agrícolas

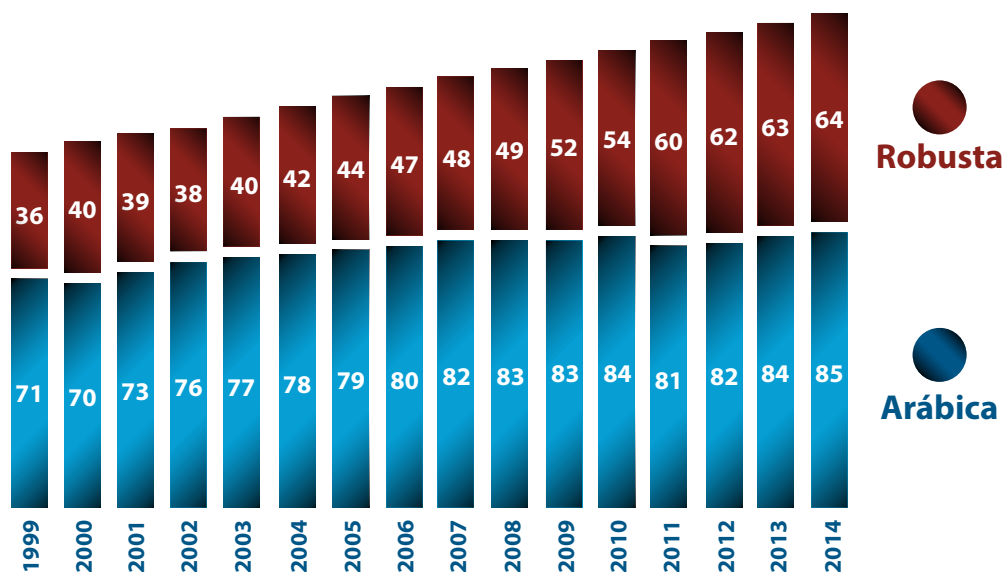
Há quem diga que, em menos de uma década, o volume de robusta consumido no mundo possa ser equivalente ou até mesmo superior ao de arábica, afirmação que seria considerada completamente impensável há poucos anos.

Sustentada, principalmente, pelo aumento no consumo de café em mercados consumidores de chá, o avanço na demanda mundial de robusta vem crescendo acima de 4% ao ano há algum tempo. O avanço do consumo de café nessas regiões ainda é bastante fundamentado pela facilidade e praticidade da cafeína no formato instantâneo, solúvel. Ótima oportunidade para os produtores de robusta, ótima oportunidade para Rondônia.

E o estado parece estar se preparando bem para esse possível aumento na demanda global por café. Mesmo com a forte redução da área de cultivo, Rondônia apresentou recuperação na produção total de café nos últimos 5 ou 6 anos: É o aumento da produtividade!

Apesar da discordância entre as diversas estimativas de produção para o estado, todas as fontes parecem concordar que a produção de café em Rondônia aumentou significativamente de 2010 para cá. A recuperação na cafeicultura local é fruto direto dos novos investimentos em tecnologia, aumento no plantio de clones mais produtivos e forte avanço no rendimento médio das lavouras.

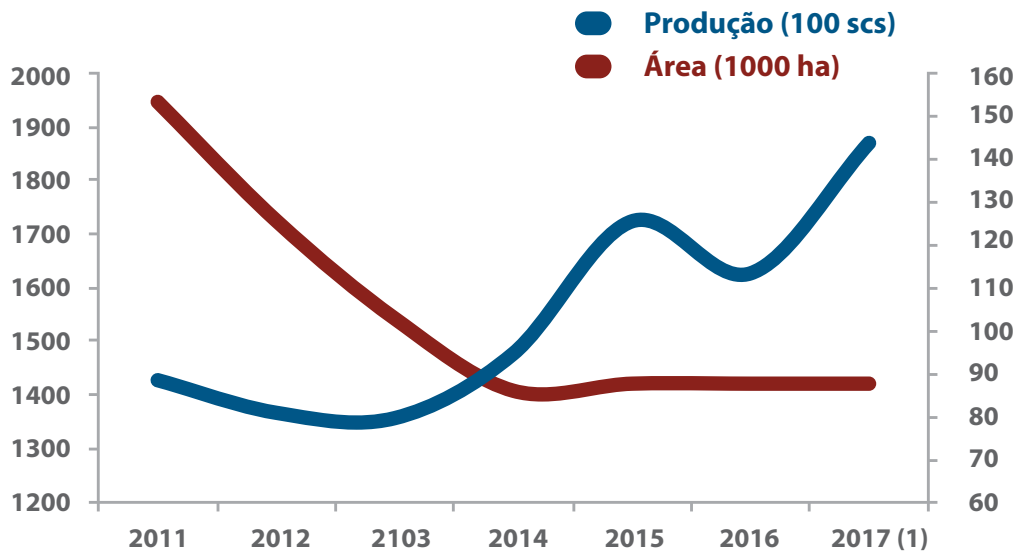
Consumo de café - volume global em milhões de sacas.



Fontes: OIC e USDA, 2017

Se, por um lado parte do mundo do café busca **quantidade**, os países considerados “tradicionais”, notadamente os importadores de arábica, passam a buscar **qualidade e diferenciação**. Rondônia parece estar se posicionando muito bem para surfar ambas as ondas, tanto a de volume, quanto a de valor.

Volume colhido e área em produção de café de Rondônia.



Fonte Conab, 2017

Rondônia? qualidade? valor e diferenciação? em robusta? - Sim! e por que não?

A tendência da procura por cafés diferenciados deve continuar firme nos próximos anos. Não estamos falando apenas de cafés classificados como premium por meio das tradicionais análises mais comumente utilizadas no mercado de arábica. Estamos falando também de cafés diferentes, com história, com marketing e que estimulem a curiosidade do consumidor.

“Café 100% robusta produzido no bioma amazônico”. Sim! Por mais que alguns conservadores, por vezes, do excessivamente tradicional mundo de café cheguem a torcer o nariz para a ideia, uma parte dos consumidores ficará extremamente tentada a provar uma xícara desse distinto produto. Provavelmente, virão a provar o café de Rondônia não em busca de algo similar ao que já provaram anteriormente, mas, justamente pela chance de provar algo realmente diferente de tudo o que já provaram antes. Se essa xícara vier acompanhada de qualidade, marketing, certificados de sustentabilidade e algumas histórias, melhor ainda.

Mas, será que irão pagar por qualidade? em robusta?

A questão não é se isso irá acontecer - já está acontecendo! Parte dos produtores de robustas que tem trabalhado em busca de qualidade já tem recebido a mais por isso. É interessante notar que, ao mesmo tempo

em que os cafeicultores procuram aumentar a produção, utilizando clones mais saudáveis e produtivos, o interesse por oferecer um café de melhor qualidade começa a aparecer.

O estado ainda tem muitos desafios pela frente, porém, em algumas propriedades, já é possível encontrar avanços significativos nos processos de secagem, colheita semimecanizada – reduzindo custos e proporcionando maior uniformidade na maturação aos grãos – e até mesmo terreiros suspensos, tudo a fim de melhorar a qualidade do café robusta, oferecer o melhor produto possível ao consumidor e, obviamente, elevar a rentabilidade da atividade.

O mundo do café realmente tem mudado mais rápido do que parece e, parece haver espaço também para um produto diferente das tradicionais classificações do que vem a ser um “café premium” ou um café que, na teoria, deveria remunerar melhor o produtor.

O fato é que, assim como para muitos outros mercados, quem põe o preço no café é quem compra e não quem vende. É a máxima “Não é o que você quer vender, mas sim o que querem comprar”. E, se há compradores dispostos a pagar mais por um produto diferenciado da Amazônia, a essa altura do jogo, isso não deveria ser motivo de tanta surpresa assim.

O trabalho desenvolvido em Rondônia não é uma provocação, ou nenhum tipo de ameaça ao mundo de arábica. Pelo contrário, trata-se apenas de um reflexo um pouco mais nítido da tão aguardada “descommoditização” da commodity café. É o consumidor mais disposto do que nunca a provar novos e diferenciados produtos, sejam finos blends (misturas) de arábicas muito bem pontuados, sejam grãos de robustas de Rondônia trabalhados com bastante cuidado em terreiro suspenso.

Se bem aproveitada, toda a cadeia deverá se beneficiar dessa forte onda de valorização dos “novos cafés”. Afinal, apesar da empolgação na elaboração de produtos 100% robusta, o foco principal dos cafeicultores de Rondônia, no momento, ainda parece ser aumentar a produção e oferecer um café de melhor qualidade para possíveis blends com arábica, o que, na teoria, beneficia a cadeia como um todo, da produção ao consumo.

Além disso, a abertura de novos mercados fundamentada em café solúvel – com destaque para a Ásia – inevitavelmente fomenta o crescimento do consumo de arábica no futuro. A expectativa é que aconteça um movimento similar ao verificado em meados dos anos 1960 e 1970 no que viria a ser atualmente um dos mercados de café mais sofisticado do mundo, o Japão.

Oportunidade e responsabilidade

Além do trabalho de produtividade e qualidade que tem sido desenvolvido pelos produtores em conjunto com a Embrapa e a Emater-RO e demais instituições governamentais, é inegável a oportunidade de marketing que um “Café da Amazônia” pode trazer.

Com a oportunidade vem também grande responsabilidade. Cuidados acerca da sustentabilidade na pro-

dução de café em um bioma de tamanha importância para o mundo, como é a Amazônia, serão chave para o sucesso da cafeicultura local. Não há espaço para deslizos ou descuidos. A atual busca por elevação da produtividade deve ser feita de forma responsável.

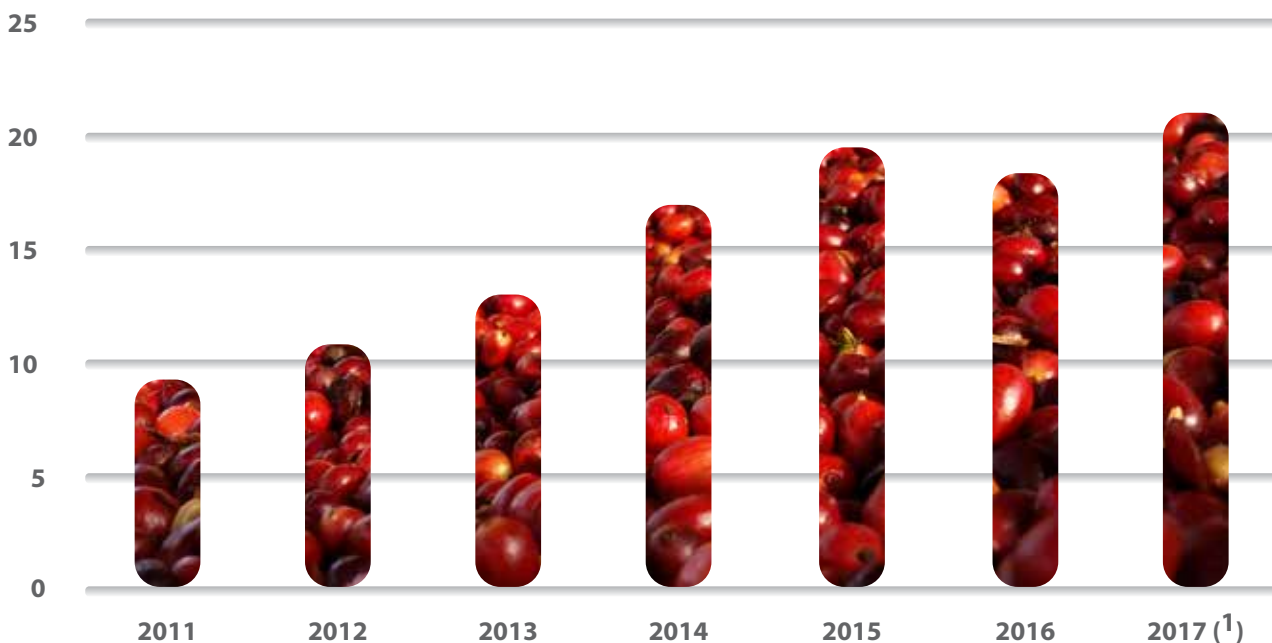
Apesar da empolgação, a revolução em Rondônia ainda é algo extremamente incipiente. Ainda há muito que ser feito!

Apesar dos avanços, a produtividade média do estado ainda é baixa para o café robusta, pouco acima de 21 scs 60 kg/ha, segundo a Conab. Entretanto, em 2011, esse valor era de 9,3 scs 60 kg/ha, ou seja, o rendimento mais que dobrou em 6 anos. Mas, de fato, ainda há muito que ser feito nesse sentido.

Em termos avanços na qualidade do café colhido em Rondônia, as oportunidades e desafios de melhoria são ainda maiores. Porém, uma parte significativa dos cafeicultores se mostra bastante receptiva à inovação e ao aumento do conhecimento e pesquisas necessários para o detalhado trabalho de pós-colheita no café. O potencial é enorme, bem como os desafios de se implantar tudo isso.

De fato, uma promissora janela de oportunidades parece se abrir para Rondônia e o estado começa a se preparar bem, tanto para continuar a abastecer o mercado nacional, como para tentar elevar as exportações. É um novo mercado que se abre, tanto em volume, como em qualidade e diferenciação. Mãos à obra!

Avanço na produtividade média de café em Rondônia.



Fonte Conab, 2017



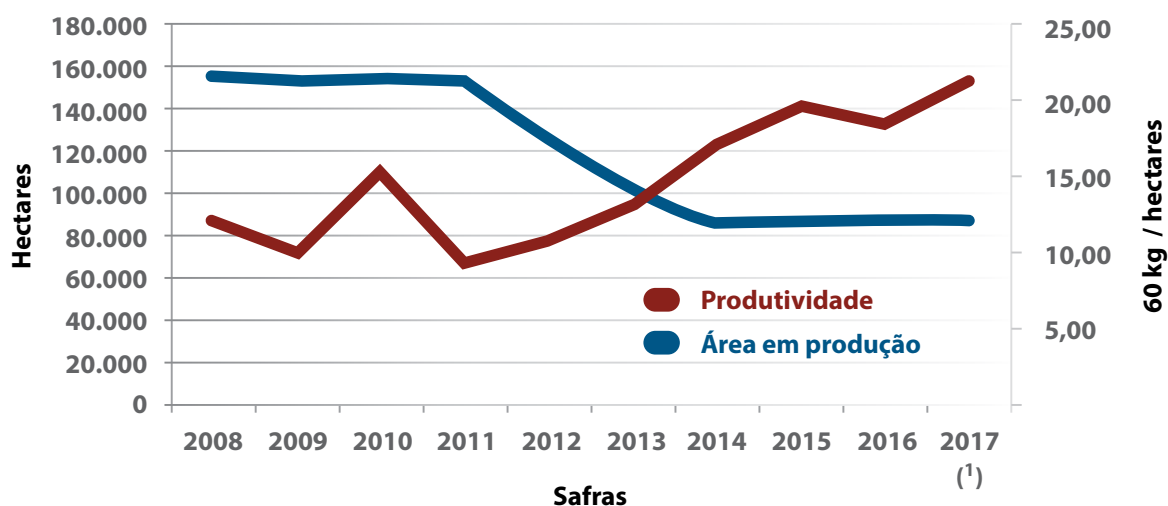
Boa rentabilidade ajuda na recuperação da cafeicultura em Rondônia

Conhecimento de custos para minimizar perdas e aumentar os lucros

Leonardo Ventura de Araújo
e Calixto Rosa Neto,
Embrapa Rondônia

A história do cultivo de café em Rondônia data de meados da década de 1970, marcando o início da colonização do estado. Ao longo desses anos a cafeicultura passou por diversos ciclos, chegando a ter área plantada de cerca de 200 mil hectares. A instabilidade dos preços, aliada à baixa produtividade, contribuiu para a diminuição da área plantada, que, via de regra, foi substituída por pastagens. Entretanto, nos últimos cinco anos, a substituição de lavouras velhas por plantios utilizando variedades clonais, ainda que parcialmente, propiciou aumento significativo da produtividade média por hectare, passando de pouco mais de nove sacas de café beneficiado por hectare em 2011 para mais de 20 sacas na safra 2017, conforme dados da Conab (2017).

Evolução da área em produção e da produtividade do café nos últimos dez anos.



Fonte: Conab, 2017

Diante de um cenário produtivo bastante dinâmico, como tem sido o caso da produção cafeeira em Rondônia, o conhecimento dos custos de produção se constitui em importante fator na competitividade da atividade, permitindo ao produtor a tomada de decisões mais racionais, aumentando a efetividade do processo de produção.

Para mensurar a rentabilidade da cafeicultura rondoniense, a Embrapa Rondônia, em parceria com a Emater-RO e produtores de café da microrregião de Cacoal, realizou levantamento dos custos de produção da cultura em uma propriedade de cinco hectares, de bom nível tecnológico, com o uso de clones, manejo da poda, adubação, controle sanitário e irrigação da lavoura.

O desempenho econômico alcançado com o cultivo de café canéfora (conilon e robusta) na propriedade objeto do trabalho mostrou-se positivo. O lucro líquido anual médio é de quase R\$ 7 mil mensais, aproximadamente sete salários mínimos (Tabela 1). Esta remuneração foi calculada com base nos anos de plena produção da lavoura, do 3º ao 11º anos após o plantio.

Tabela 1. Desempenho econômico do cultivo de cinco hectares de café em Rondônia, 2017.

Item	R\$
custo total por saca beneficiada de 60 kg	180,15
lucro por saca beneficiada de 60 kg	204,85*
lucro líquido anual da atividade em 5 ha	81.940,94
lucro líquido mensal da atividade em 5 ha	6.828,41
lucro líquido mensal da atividade (5 ha) em salários-mínimos	7,29

Nota: * Preço médio pago ao produtor em junho 2017: R\$ 385,00/sc (EMATER, 2017)

Ao considerar o preço pago ao produtor de R\$ 385,00 pela saca de café beneficiado, o lucro por saca será de R\$ 204,85, assim, o lucro líquido anual advindo da atividade cafeeira em um módulo típico de 5 ha é de R\$ 81.940,94.

Esse valor foi obtido por meio de levantamentos de dados com produtores e coleta de preços dos insumos e serviços junto ao comércio local, em que foi possível obter o custo de produção de café canéfora, considerando o nível tecnológico que busca a produtividade média de 80 sacas de 60 kg do grão beneficiado por hectare, totalizando um custo de R\$ 180,15/sc. Nesse custo estão todas as despesas com insumos, mão de obra e beneficiamento da produção. Foram considerados também os custos fixos de produção, tais como: depreciação, remuneração do capital e custo da terra.

O custo de implantação, manutenção e produção de café é apresentado na Tabela 2. Nesse sistema o custo de implantação de um hectare foi estimado em R\$18.527,81 (Ano 0), sendo que as despesas com sistema de irrigação, fertilizantes e mudas representaram, respectivamente, 35%, 14,32% e 13,74% do custo total. No ano I é intensificada a utilização de fertilizantes, com os macronutrientes, chegando a representar 35% do custo total. Nesse nível tecnológico, para o ano I, o produtor faz uma primeira colheita, chamada de catação, que produzirá aproximadamente 35 sc/ha, gerando receita líquida positiva.

No ano II o produtor terá sua primeira colheita de produção (60 sc/ha) e estabilização do nível de adubação. Nesse ano os gastos com colheita e beneficiamento/armazenamento da produção representam juntos, aproximadamente 40% do custo total.

A partir do ano III até o ano XI, chamado de período produtivo, os custos de produção são considerados os mesmos, assim como sua produtividade média, estimada em 80 sc/ha/ano, fica acima da observada no estado (22 sc/ha). Nestes anos, além das atividades de rotina, podas e desbrotas, são consideradas duas podas de renovação do cafezal no período, que é considerada de grande importância para manutenção da produtividade da lavoura. Por causa disso, haverá nesses anos uma intensificação da utilização da mão de obra na fase de pré-colheita, representando pouco mais de 12% do custo total.

É importante ressaltar que não foram considerados nos custos de mão de obra os encargos trabalhistas, pois os produtores que serviram como referência para esse estudo não fazem tal recolhimento. Em sistema de produção publicado pela Embrapa em 2012, foi estimado em 33,033% o valor de encargos incidentes sobre a mão de obra temporária, que é a comumente utilizada na atividade cafeeira, principalmente no período de colheita. Assim, aplicando esse percentual sobre o valor da mão de obra considerado no caso analisado, haveria um acréscimo de 10% nos custos por saca de café beneficiado, o que elevaria esse valor para R\$ 198,16, reduzindo o lucro por saca para R\$ 186,84.

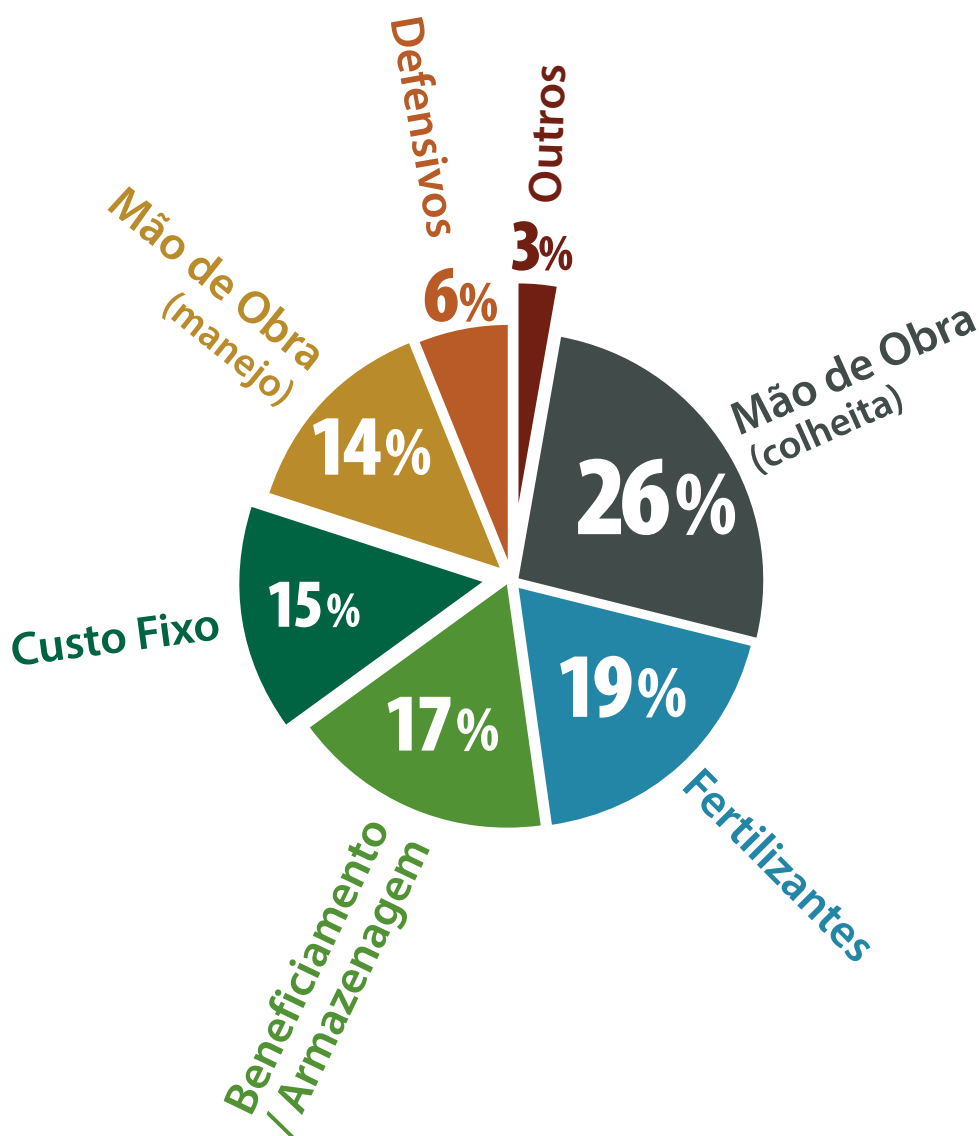
Tabela 2. Custo por hectare para implantação, manutenção e produção de café conilon na microrregião de Cacoal - Rondônia, 2017.

COMPONENTES DO CUSTO	ANO 0		ANO I		ANO II		ANO III	
	(R\$/ha)	(Sc/Ha)	(R\$/ha)	(Sc/Ha)	(R\$/ha)	(Sc/Ha)	(R\$/ha)	(Sc/Ha)
1. DESPESAS COM INSUMOS	R\$ 5.822,18	15,1	R\$ 4.592,41	11,9	R\$ 3.609,67	9,4	R\$ 3.609,67	9,4
Mudas	R\$ 2.545,45	6,6	-	-	-	-	-	-
Mudas de café	R\$ 2.458,68	6,4	-	-	-	-	-	-
Transporte de mudas	R\$ 86,78	0,2	-	-	-	-	-	-
Fertilizantes	R\$ 2.653,86	6,9	R\$ 3.564,19	9,3	R\$ 2.733,70	7,1	R\$ 2.733,70	7,1
Adubação orgânica	R\$ 1.041,32	2,7	-	-	-	-	-	-
Macronutriente	R\$ 1.612,53	4,2	R\$ 3.564,19	9,3	R\$ 2.733,70	7,1	R\$ 2.733,70	7,1
Defensivos	R\$ 622,87	1,6	R\$ 1.028,23	2,7	R\$ 875,97	2,3	R\$ 875,97	2,3
Fungicida	-	-	R\$ 285,73	0,7	R\$ 285,73	0,7	R\$ 285,73	0,7
Herbicida	R\$ 622,87	1,6	R\$ 456,77	1,2	R\$ 304,51	0,8	R\$ 304,51	0,8
Inseticida	-	-	R\$ 285,73	0,7	R\$ 285,73	0,7	R\$ 285,73	0,7
2. OUTRAS DESPESAS COM A LAVOURA	R\$ 4.014,26	10,4	R\$ 1.991,01	5,2	R\$ 3.557,53	9,2	R\$ 5.765,58	15,0
Mão de obra	R\$ 1.859,50	4,8	R\$ 685,95	1,8	R\$ 512,40	1,3	R\$ 1.781,20	4,6
Manejo pré-Plantio	R\$ 1.092,57	2,8	-	-	-	-	-	-
Plantio	R\$ 595,04	1,5	-	-	-	-	-	-
Aplicações com bomba	R\$ 467,15	1,2	R\$ 266,94	0,7	R\$ 177,96	0,5	R\$ 177,96	0,5
Colheita	-	-	R\$ 1.038,11	2,7	R\$ 2.867,17	7,4	R\$ 3.806,41	9,9
A - CUSTO OPERACIONAL (1 + 2)	R\$ 9.836,44	25,5	R\$ 6.583,42	17,1	R\$ 7.167,19	18,6	R\$ 9.375,24	24,4
3 - OUTRAS DESPESAS	R\$ 6.462,83	16,8	R\$ 1.461,04	3,8	R\$ 2.208,56	5,7	R\$ 2.811,04	7,3
Sistema de irrigação	R\$ 6.462,83	16,8	-	-	-	-	-	-
Beneficiamento/armazenagem	-	-	R\$ 1.050,00	2,7	R\$ 1.797,52	4,7	R\$ 2.400,00	6,2
Despesas administrativas	-	-	R\$ 411,04	1,1	R\$ 411,04	1,1	R\$ 411,04	1,1
B - CUSTOS VARIÁVEIS (1 + 2 + 3)	R\$ 16.299,27	42,3	R\$ 8.044,46	20,9	R\$ 9.375,76	24,4	R\$ 12.186,28	31,7
Depreciações	R\$ 843,91	2,2	R\$ 843,91	2,2	R\$ 843,91	2,2	R\$ 843,91	2,2
Seguro do capital fixo	R\$ 640,82	1,7	R\$ 470,30	1,2	R\$ 505,33	1,3	R\$ 637,81	1,7
Custo da terra	R\$ 743,80	1,9	R\$ 743,80	1,9	R\$ 743,80	1,9	R\$ 743,80	1,9
C - CUSTOS FIXOS	R\$ 2.228,54	5,8	R\$ 2.058,02	5,3	R\$ 2.093,04	5,4	R\$ 2.225,53	5,8
CUSTO TOTAL (B+C)	R\$ 18.527,81	48,1	R\$ 10.102,48	26,2	R\$ 11.468,80	29,8	R\$ 14.411,81	37,4

Nota: Produtividade média estimada ano III - XI: 80 sacas/ha; Preço pago ao produtor: R\$ 385,00 (EMATER, 2107). Fonte: dados da pesquisa.

As despesas com mão de obra na condução da lavoura e na colheita respondem por 40% dos custos totais. Já o gasto com fertilizantes é o segundo mais impactante na composição dos custos (19%), seguido dos de beneficiamento da produção (17%).

Composição do custo de produção de 80 sacas de 60 kg de café beneficiado em Rondônia.



Vale ressaltar que mudanças na produtividade, valores dos insumos, mão de obra e outros fatores produtivos dimensionados para essa pesquisa podem alterar o custo de produção. Outro ponto que merece destaque, é que lavouras permanentes exigem ainda mais atenção, pois, o tempo de retorno do investimento é maior. Isso aumenta os riscos, já que os cenários, tanto nacional quanto internacional, podem mudar, tornando a atividade não lucrativa em determinado momento. Principalmente no caso do café, que é uma das principais *commodities* agrícolas mundiais e seus preços estão subordinados às oscilações e especulações do mercado de valores.

O importante é que o cafeicultor conheça os seus custos. Por isso, ele precisa ter tudo na ponta do lápis, para minimizar perdas, ou seja, produzir mais com menos, já que os preços de mercado do café não dependem diretamente dele.

Rondônia, um Estado de oportunidades



**Enrique Alves
e Renata Silva,**
Embrapa Rondônia

Natural de Presidente Epitácio, SP, Basílio Leandro de Oliveira chegou a Rondônia em 1989. Graduado em Sistemas de Informação pela Universidade Federal de Rondônia e pós-graduado em Gestão Pública pela Faculdade de Educação da Lapa, já atuou em diversos cargos de gestão. Foi diretor das faculdades Uniron e Unijipa, secretário subchefe da Casa Civil, superintendente de Estado do Turismo e, atualmente, está à frente da Superintendência do Desenvolvimento do Estado de Rondônia – Suder. Em entrevista à revista Cafés de Rondônia (CR), Basílio Oliveira destaca os potenciais do estado e ações governamentais que impulsionam o desenvolvimento do agronegócio e da cafeicultura.

CR – Qual sua relação com o Estado de Rondônia e quando iniciaram seus trabalhos à frente da Superintendência do Desenvolvimento do Estado de Rondônia - Suder?

Basílio Oliveira – Minha relação com o Estado de Rondônia é de pai para filho. Sinto-me filho desta terra abençoada que escolhi para morar há quase trinta anos. Eu costumo brincar com quem é nascido no estado, dizendo que me sinto mais rondoniense que eles, pois eu estou aqui porque escolhi. Iniciei os trabalhos na Suder em janeiro de 2016, mas estou com o governador Confúcio Moura desde 01/01/2011, quando ele assumiu o cargo.

CR – Quais são o papel e a filosofia de trabalho da Suder?

Basílio Oliveira – A Suder atua em inúmeras áreas, sendo responsável por todo o patrimônio móvel e imóvel do estado. É responsável pela regularização fundiária rural e urbana; o Banco do Povo também é vinculado a Suder, assim como A SOPH (Porto Organizado) e a Junta Comercial – JUCER. O distrito industrial está também sob nossa responsabilidade, assim como o programa de atração de investimentos do estado, merecendo destaque o trabalho que fazemos de apoio às indústrias de Rondônia e o esforço para

atrair novas plantas, principalmente para o agronegócio, que é nossa vocação. Na Suder ainda existe o Conselho de Desenvolvimento do Estado de Rondônia (CONDER), que é responsável pela concessão ou extinção de incentivos fiscais. Este conselho também é gestor do Fundo de Investimento e de Desenvolvimento Industrial do Estado de Rondônia (FIDER), que fomenta o desenvolvimento industrial do estado. Nossa filosofia de trabalho é não atrapalhar o empresário em sua atividade fim, e apoiar, no mínimo, para garantir igualdade às nossas empresas para competir em nível nacional e global.

CR – Por que Rondônia é um estado de oportunidades?

Basílio Oliveira – Mais que um lema ou slogan, esta assertiva traduz o momento porque passa o Estado de Rondônia. Além de um crescimento muito superior em comparação à média dos outros estados (4,7% em 2016 e 3,8% no primeiro semestre de 2017), Rondônia oferece segurança jurídica aos seus investidores. O estado está planejado até 2030, por um instrumento chamado PDES – Plano de Desenvolvimento Estadual Sustentável. Este Plano foi transformado em Lei e garante que o desenvolvimento que está sendo construído com o

setor empresarial e a sociedade como um todo não fique refém de interesses políticos. Seja qual for o governador eleito em 2018, para modificar o caminho de desenvolvimento do estado ele terá que realizar audiências públicas para ratificar suas intenções e aprovar na Assembleia Legislativa. Aliás, é importante destacar a harmonia existente entre o Executivo e o Legislativo, que tem oportunizado concretizar importantes projetos de desenvolvimento. Graças à sinergia do governador Confúcio Moura, presidente da Assembleia Maurão de Carvalho e demais deputados, podemos nos orgulhar de um estado que cresce e honra seus compromissos, mesmo frente à crise nacional.

CR – Rondônia está inserida em uma região que detém ainda a maior área agrícola cultivável em disponibilidade no mundo e abrange um mercado consumidor de mais de 14 milhões de habitantes. Isso parece ser uma grande responsabilidade. Qual a estratégia do estado, por meio da Suder, para a consolidação de uma agricultura sustentável, em meio à tamanha demanda?

Basílio Oliveira – Temos atuado para levar tecnologia e boas práticas de produção aos produtores, especialmente aos pequenos. Acreditamos ser

este o caminho mais viável a seguir, pois não podemos mais desmatar e temos que continuar crescendo e aumentando a nossa produção. Regularização Fundiária, recuperação de áreas degradadas e tecnologias de produção são pautas frequentes de discussão e trabalhamos muito para realizar ações nessas vertentes. Quando eu digo que priorizamos os pequenos produtores, isso é fruto da política instituída pelo governador Confúcio Moura, pois os grandes precisam menos de apoio do governo. Além disso, o Estado de Rondônia possui 245 mil propriedades rurais, sendo a maioria formada por pequenas propriedades, sendo assim, as políticas públicas do estado estão voltadas a esse público.

CR – Quais os principais desafios que você enxerga para o desenvolvimento da cafeicultura de Rondônia? Quais são as estratégias da Suder quanto a isso?

Basílio Oliveira – Nosso primeiro desafio é o aumento da produção consorciado com aumento de qualidade. Já demos um importante passo com o desenvolvimento de uma variedade de alta produtividade e sabor excelente, que é o BRS Ouro Preto. Esta variedade foi desenvolvida pela Embrapa Rondônia, com apoio da Emater e outros órgãos do

estado. Saímos de um patamar de 900 mil sacas, chegamos a quase dois milhões de sacas e trabalhamos para dobrar esse número. Adquirimos em 2016 três milhões de mudas de café clonal para substituição de lavouras pouco produtivas por material genético de maior qualidade e produção, com recursos da Suder e Seagri. Em 2017 já aprovamos a compra de outros três milhões de mudas apenas com recursos da Suder. É importante ressaltar

“ **Em pouco tempo anunciaremos a nossa indústria de fertilizantes.** ”

que este programa visa fortalecer a agricultura familiar e tem como objetivo o fortalecimento da indústria cafeeira de Rondônia, pois até então produzíamos um café canéfora apenas para mistura (blend). Agora produzimos um café gourmet de sabor excepcional.

CR – A Suder tem trabalhado em busca de parcerias internacionais, o que já foi conquistado neste sentido?

Basílio Oliveira – Nosso principal foco de atuação é a

comercialização de pescado e já conseguimos colocar o nosso tambaqui nos mercados do Peru. Além disso, já temos interesse formalizado na Nigéria, Namíbia e Zimbábue. Já fizemos rodadas de negócios trazendo empresários bolivianos para conhecer as principais indústrias de Rondônia, focando a comercialização de alimentos. Tivemos êxito neste setor. A Rondônia Rural Show tem sido uma ferramenta muito eficaz de divulgação do Estado de Rondônia. O vice-governador Daniel Pereira, e também o secretário de Agricultura, Evandro Padovani são embaixadores do Estado de Rondônia e têm me acompanhado nessas missões e são responsáveis também pelo grande avanço de nosso estado.

CR – O que a Suder tem feito para levar os cafés de Rondônia para outros estados e países?

Basílio Oliveira – Promoções. Temos participado de feiras nacionais e internacionais mostrando o que temos de bom a oferecer. O café sempre terá lugar de destaque. Temos qualidade, quantidade e disposição para mostrar isso e vender bem nosso produto.

CR – Rondônia se consolida como o “corredor” de integração regional de acesso aos

países asiáticos, principal aposta logística do agronegócio do País. Como isso pode afetar o potencial de exportação dos cafés de Rondônia?

Basílio Oliveira – Eu vejo isso como uma vantagem competitiva que temos e utilizamos pouco. Gradativamente este cenário está mudando. Na segunda semana de julho escoamos a primeira carga de soja da Bolívia pelo Porto de Porto Velho (Soph). Esse é um marco na integração regional, pois vai permitir que trabalhemos o frete de retorno para Bolívia vendendo alimentos ou fertilizantes. Aliás, falando de fertilizantes, em pouco tempo anunciaremos a nossa indústria de fertilizantes.

CR – Rondônia é o quinto maior produtor de café do país e o segundo da espécie canéfora – conilon e robusta -, ocupando posição de destaque no cenário nacional. Entretanto, não existem indústrias de processamento de café no estado – parte do café produzido em Rondônia vai para outros estados para ser industrializado e acaba retornando para comercialização local. O governo tem algum planejamento para incentivar a instalação de indústrias de transformação do café em Rondônia?

Basílio Oliveira – Temos convicção que com esta nova



variedade clonal que está se disseminando no estado, por força de políticas públicas focadas nisso, a indústria se fortalecerá como consequência natural. Paralelamente, temos uma política de incentivos tributários bastante atraente, com redução de até 85% de ICMS, além de impostos federais naturalmente já isentos por sermos parte da Amazônia Legal.

CR – A maioria dos consumidores tem preferência na escolha de um produto. E você, toma café? O que motiva sua escolha?

Basílio Oliveira – Eu adoro café, e me surpreendi verdadeiramente com o café gourmet produzido em Rondônia. É fácil vender um produto bom, por isso acredito que nosso café muito rapidamente ocupará lugar de destaques em prateleiras de todo o Brasil. Dizer que o café colombiano é o melhor do mundo é como afirmar que uma seleção A, B ou C (de futebol) é a melhor. Quero dizer com isso que a qualidade é dinâmica, ela muda constantemente e, neste momento, temos um café com potencial de disputar um lugar ao pódio no Brasil e no mundo. Ah! Minha escolha é sempre por um café de muito sabor, por isso nosso café de Rondônia é meu preferido.

Café de Rondônia: ampliar, especializar e agregar valor

Acesso dos produtores a materiais
genéticos de qualidade, conhecimento e
tecnologias para levar a cafeicultura do
estado a um novo patamar

Dhiony Costa e Silva
Seagri



*Abílio Gaudêncio,
produtor de café.*

“

Foram adquiridas 65 mil toneladas de calcário e mais de três milhões de mudas de café clonal que serão distribuídos até o final do ano de 2017.

”



Foto: Dhionny Costa e Silva

Rondônia se consolida como o maior produtor de café da Região Norte, quinto maior do Brasil e o segundo da espécie canéfora (conilon e robusta). Com o intuito de alavancar e aumentar a produtividade das lavouras cafeeiras, o governo de Rondônia, por meio da Secretaria de Estado da Agricultura - Seagri, fez investimentos no programa “Plante Mais”, instituído em dezembro de 2016 para o fortalecimento da agricultura familiar.

Como parte do Programa, foram adquiridas 65 mil toneladas de calcário e mais de três milhões de mudas de café clonal que serão distribuídos até o final do ano de 2017. Todas as mudas adquiridas e distribuídas pelo governo do estado seguiram as diretrizes da portaria número 558 da Idaron, de 08 de janeiro de 2016, que estabelece o padrão sanitário na produção de sementes, mudas, materiais propagativos e a certificação de viveiros. Também foi realizada a capacitação e qualificação dos viveiristas para participação direta na venda de mudas às instituições públicas.

Além dos investimentos em mudas e calcário, estão sendo realizados, por intermédio da Seagri, em

parceria com a Embrapa Rondônia e Emater-RO, diversos dias de campo com o objetivo de levar as melhores práticas de plantio e condução da lavoura cafeeira aos produtores. “Eu fiz todo esforço para vir aqui hoje. Depois que cheguei aqui, e vi esta lavoura, fiquei muito animado. Vou voltar para casa entusiasmado a trabalhar mais para fazer a minha lavoura produzir desse jeito”. Foi o que disse Abílio Gaudêncio, produtor rural do Município de Vilhena, ao participar de intercâmbio de capacitação técnica nas boas práticas de manejo na condução da lavoura cafeeira, no Município de Alvorada d’Oeste.

A troca de conhecimentos, seja por meio de dias de campo ou visitas técnicas, é fundamental aos produtores que atuam na produção do café, “Estas ações buscam fortalecer a cafeicultura rondoniense, facilitando o acesso dos produtores a materiais genéticos de qualidade e promovendo o conhecimento necessário à adoção de tecnologias e de boas práticas que vão fazer com que a cafeicultura do estado atinja um novo patamar”, afirma o secretário da Seagri, Evandro Padovani.

O Programa Plante Mais

O Programa Estadual Plante Mais tem por intuito distribuir sementes, mudas e material propagativo de qualidade aos produtores familiares no estado e de fomentar o desenvolvimento da agricultura. À Secretaria de Estado da Agricultura, cabe a gestão, organização e execução do Programa.

Para ser beneficiário direto do Plante Mais é preciso que o produtor atenda os seguintes requisitos: explore parcela de terra na condição de proprietário, posseiro, assentado, arrendatário, parceiro ou meeiro; não detenha, a qualquer título, área maior do que quatro módulos fiscais; utilize predominantemente mão de obra familiar nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; tenha renda familiar originada principalmente de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento comprovada mediante a apresentação da nota do produtor; e possua a Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – DAP.



Sustentabilidade do café, Rondônia mostra o caminho

Janderson Dalazen,
Emater-RO

e

Pedro Ronca,
Gerente Programa Brasil
da Plataforma Global do Café



“ Produzir café em Rondônia traz a responsabilidade de adoção de estratégias sustentáveis, tendo em vista a necessidade de preservar o bioma amazônico ”



Foto: Junior Peeli

A sustentabilidade na cafeicultura é uma demanda mundial e em Rondônia este tema tem sido tratado com muita seriedade, já com 2.970 produtores atendidos pela Emater-RO, adotando algumas práticas recomendadas pelo Currículo de Sustentabilidade do Café – CSC, da Plataforma Global do Café (GCP, pelas iniciais em inglês). O conteúdo do CSC indica o que o produtor de café deve fazer para tornar sua propriedade sustentável.

Produzir café em Rondônia traz a responsabilidade de adoção de estratégias sustentáveis, tendo em vista a necessidade de preservar o bioma amazônico, por isso, o que está sendo feito não é a abertura de novas áreas, a cafeicultura está sendo inserida em áreas já antropizadas, na maior parte em áreas de pastagens degradadas, inclusive como forma de recuperação.

Dentre a gama de práticas previstas no CSC, os 150 extensionistas rurais da Emater-RO que participaram dos “Treinamentos de Treinadores” da GCP têm dedicado suas orientações principalmente nos cuidados em implantar a lavoura de café canéfora (conilon e robusta), respeitando o número mínimo de clones, fazendo um bom preparo de cova, utilizando correções e adubações com base nas análises de solo, calculando a necessidade de água para irrigação de forma eficiente e racional, e sempre seguindo as legislações.

O controle do custo de produção da atividade foi uma das primeiras práticas adotadas nas propriedades referenciais que a Emater-RO atende. Outras iniciativas que já estão sendo praticadas em diversas propriedades é o manejo das plantas espontâneas nas entrelinhas dos cafezais mantendo a cobertura do solo (manejo do mato), ou o plantio de braquiária com a mesma finalidade. Técnica que, entre outros benefícios, ajuda a proteger da erosão, conservando a umidade e reciclando nutrientes. Destaca-se aqui a necessidade de pesquisa sobre o consórcio do café com *Brachiaria brizantha*, principal espécie utilizada no estado. Tem-se observado que esta forrageira tem desenvolvimento rápido e boa produção de biomassa, porém é agressiva e demanda de muita mão de obra para seu manejo nas entrelinhas do cafezal.

Após ter inserido as orientações sobre sustentabilidade nas rotinas da Ater para os produtores de café, o estado tem buscado estratégias para divulgar e valorizar os produtores que adotam as práticas recomendadas, por isso foi inserida a categoria sustentabilidade no Concurso de Qualidade e Sustentabilidade do Café de Rondônia – Concafé, inovação que servirá de exemplo para outros estados. A parceria com o Conselho dos Exportadores de Café do Brasil – Cecafé avança com a capacitação de cafeicultores com o “Produtor Informado”, curso que envolve aulas de informática e de sustentabilidade. Até o final de 2017 cerca de 260 cafeicultores de 20 municípios rondonienses serão beneficiados.

Modelo de Assistência Técnica Coletiva para Rondônia

Um dos gargalos para o desenvolvimento da cafeicultura é a limitação no serviço de Ater pública. Em Rondônia, por exemplo, pouco mais de 50% dos cafeicultores são atendidos diretamente pela Emater-RO, por isso, alternativas para expandir o alcance do serviço de assistência técnica de forma eficiente é um objetivo do Governo do Estado.

Neste contexto, Rondônia aposta no Modelo de Assistência Técnica Coletiva – MATC, desenvolvido pela Associação Hanns Neumann do Brasil. O estado é pioneiro em trabalhar esta metodologia em uma entidade de Ater pública. Os indicadores de resultados deste programa apontam que o método aumenta a eficácia e efetividade do serviço prestado e do uso do recurso público, mostrando-se como mais uma estratégia no caminho trilhado rumo à sustentabilidade na cafeicultura.

O MATC se destaca como alternativa para expandir e aperfeiçoar o serviço de assistência técnica. Após conhecer o método, que está sendo difundido em todo o Brasil pela Plataforma Global do Café, a Emater-RO firmou um Acordo de Cooperação Técnica com a Associação Hanns Neumann e está trabalhando um projeto piloto em Rondônia, abrangendo os municípios de Alto Alegre dos Parecis, Alvorada d’Oeste e Cacoal.

No serviço tradicional de Ater, a Emater-RO atende 105 famílias de agricultores por técnico, de forma ampla em várias atividades. Já com a MATC cada técnico atende 210 famílias específicas na cultura do café. Outro destaque é que para o sistema convencional a média é de três atendimentos por família/ano, com a MATC essa proporção salta para 11 atendimentos por família/ano. O MATC permite ampliar a capacidade de atendimento aos produtores com a mesma equipe atual de técnicos extensionistas.



Annette Pensel e plantio de café com braquiária.

A Plataforma Global do Café: uma nova era de sustentabilidade para o setor do café

Annette Pensel,
Plataforma Global do Café

Trata-se de uma nova plataforma internacional de sustentabilidade que alinha as atividades de uma ampla rede de membros e parceiros para criar um setor do café próspero e sustentável cumprindo os compromissos globais assumidos por meio do Visão 2030 e alinhados com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU).

A GCP atua com uma abordagem de baixo para cima, unindo atores do setor público e privado para criar uma visão comum dos desafios mais críticos de sustentabilidade nos países produtores e encaminhando essas prioridades nacionais para uma agenda global. A GCP oferece a todos os atores do setor do café, grandes e pequenos, a oportunidade de se envolverem nesta agenda global. Ao enfrentar os desafios mais prementes, temos o objetivo de melhorar a eficácia de programas de sustentabilidade e contribuir para um maior impacto no desenvolvimento de comunidades produtoras de café e na preservação dos recursos naturais das áreas de

produção de café em todo o mundo.

A Plataforma apoia, no Brasil, a difusão e aplicação do Currículo de Sustentabilidade do Café (CSC) criado pela e para a cadeia de café do País, bem como de seus 18 Itens Fundamentais, que formam uma referência para a produção de café com sustentabilidade. A parceria e colaboração contínua são pilares básicos de nosso trabalho e os Serviços de Extensão, com destaque aqui para a Emater-RO, são grandes contribuintes para a sustentabilidade do pequeno produtor – o foco de trabalho da GCP.

O Brasil é referência mundial entre os programas da Plataforma em oito países produtores (Colômbia, Vietnã, Indonésia, Tanzânia, Uganda, Honduras e Peru) e o Estado de Rondônia é motivo de orgulho para a GCP pela forma que está avançando na produção aliada à sustentabilidade.

Plataforma Global do Café:
<http://www.globalcoffeeplatform.org/pt/>



BANCO DO POVO DE RONDÔNIA

MICROCRÉDITO PARA PEQUENOS NEGÓCIOS



Rondônia, um estado de oportunidades!

Em Rondônia, onde a economia é movimentada pela produção de grãos, pecuária, indústria e comércio, os pequenos empreendedores formais e informais também fazem parte desse contexto.

Inúmeros segmentos já foram atendidos com o microcrédito em nosso Estado, que aos poucos e com muito trabalho, conseguem se tornar bem-sucedidos.


*Milhares de empreendedores urbanos e rurais (principalmente da agricultura familiar) tem buscado as linhas de financiamento do **Banco do Povo de Rondônia**, atraídos pelas facilidades oferecidas, por ser um crédito desburocratizado, ágil e com taxas de juros diferenciadas por serem subsidiadas pelo **Governo de Rondônia**.*

*Sem sombra de dúvidas o programa de Microcrédito Produtivo e Orientado, operacionalizado pelo **Banco do Povo**, faz a diferença na vida de quem produz.*

Parcerias de resultado:







Orgânicos, origens e sustentabilidade: o sucesso pode estar na diferença

Valorização dos diferenciais e da qualidade que tornam o café amazônico genuíno

Leandro Dias,
Lacoop

O nome Amazônia pode ser mais bem explorado pela cafeicultura rondoniense dentro de uma estratégia.



Foto: Anderson Dias Martins

Com o advento da revolução verde, a expansão da agricultura, o crescimento do uso de pesticidas agrícolas em todo o mundo elevando a produção de grão a mais de 200 milhões de toneladas só no Brasil, os já conhecidos problemas causados à saúde humana por alguns agrotóxicos dialeticamente a cada dia aumenta a demanda por bebidas e alimentos orgânicos. O café é uma dessas bebidas.

Apesar de ser a bebida mais consumida no mundo, depois da água, o café tem uma participação ainda pequena nos mercados voltados aos produtos orgânicos. Espaço que é quase que totalmente ocupado pelas variedades de arábica. Rondônia, um estado com produção eminentemente de café robusta pode, por meio das cooperativas, participar de forma mais efetiva neste segmento.

Rondônia, localizada no bioma Amazônico, possui condições propícias de solo e clima ao cultivo de robustas, tem oportunidade ímpar para se posicionar no mercado de cafés orgânicos.

Existe, atualmente, uma grande variedade de sistemas de produção de café no estado. Além do convencional, é possível encontrar áreas de café arborizado, orgânicos e em sistemas agroflorestais.

Entretanto, é no norte do estado, que se encontram a maioria das lavouras com perfil para a produção de cafés orgânicos. São muitas lavouras seminais, “robustadas” (híbridos de robusta e conilon), em que praticamente não se usam defensivos, ou o utilizam em baixa escala. Apesar do perfil praticamente orgânico de produção e de se tratar de cafeicultores de base familiar, sua inserção nos programas de vendas diferenciadas, em nichos de mercado, é incipiente. Isso ocorre por causa do baixo nível tecnológico e de conhecimento dos produtores quanto ao manejo do cafeeiro com tecnologias para fertilização, controle de pragas e doenças entre outras, limita a produtividade e, juntamente como os altos custos de certificação, muitas vezes terminam por inviabilizar os projetos para produção de cafés orgânicos em Rondônia.

O nome Amazônia pode ser mais bem explorado pela cafeicultura rondoniense dentro de uma estratégia comercial. Por estar inserida neste bioma, a cafeicultura rondoniense não deve fugir deste debate. A cafeicultura deve ser encarada como uma forma de preservação da floresta, pois, possibilita alto rendimento por área e o produtor não teria necessidade de buscar abertura de novas terras para garantir o seu sustento. Além disso, a lavoura



Foto: Anderson Dias Martins

de café, quando manejada de forma correta, promove boa cobertura e proteção dos solos, ciclagem de nutrientes e fixação de carbono. Por se tratar de uma cultura perene tem grande relação com a macro e micro fauna, criando ambientes propícios à preservação de aves, pequenos mamíferos e insetos. Existem, inclusive, cafés que ficaram famosos e são extremamente apreciados e valorizados no mercado por passarem no trato digestivo de animais silvestres.

Essa interação entre ambiente amazônico, manejo consciente e produção sustentável, com a genética de cafés adaptados para a região, tem gerado cafés de bebidas especiais e diferenciadas que podem despertar o interesse dos mais diversos nichos de mercado, nacionais e internacionais. São cafés que levam em consideração o ambiente e modo de produção dos grãos além da riqueza da história de quem o produz.

Assim, um polo de produção de cafés orgânicos poderá ser uma importante estratégia para agregação de valor ao café rondoniense, fugindo das oscilações de preços e manipulações do mercado extremamente comoditizado dos cafés brasileiros. Importantes países produtores, como é o caso da

Colômbia estão fugindo, cada vez mais, do mercado de café commodity, buscando trabalhar conceitos de rastreabilidade, história e origem, sendo a Amazônia uma indicação geográfica com alcance mundial.

Algumas experiências já existem como é o caso das cooperativas, em especial a Lacoop – Cooperativa dos Agricultores Familiares da Amazônia, localizada na cidade de Rolim de Moura, RO, e em fase final de formalização. Esta cooperativa tem como filosofia trabalhar mais o conceito de cafés especiais, entre eles o orgânico, sempre remetendo à agricultura familiar (história e origem), produção sustentável e qualidade do café e da vida no campo. Para a safra de 2017, primeiro ano de pré-funcionamento da cooperativa, foram produzidas cerca de mil sacas de café com estes conceitos e a estratégia é ampliar, fugindo do mercado tradicional de commodity.

Para isso, a fim de que se posicione no disputadíssimo mercado mundial de cafés, é de fundamental importância que os projetos de produção de cafés orgânicos com origem amazônica, tenham uma boa proposta de marketing, com valorização dos diferenciais regionais e de qualidade que tornam o produto genuíno.

Mulheres do café Rondônia

**A força e a sutileza que
fazem a diferença no campo**

Renata Kelly da Silva,
Embrapa Rondônia



em

Destemidos pioneiros fizeram de Rondônia seu novo lar e plantaram as primeiras lavouras de café com o amor que trouxeram pelo grão em seus estados de origem. Esta dedicação passou de geração para geração e fez com que hoje esses pioneiros e seus descendentes se destaquem no cenário da cafeicultura no estado. São, principalmente, mineiros, paranaenses e capixabas que fazem história em Rondônia. E não são apenas os homens, mas também as mulheres que herdaram o gosto pelo café e aprenderam desde cedo a importância do trabalho com a terra e a assumir responsabilidades para construir um futuro melhor.

Ainda são poucos os dados oficiais sobre a situação e atuação das mulheres na sociedade. Algumas informações foram divulgadas em 2010, por meio da publicação “Estatísticas de Gênero: uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010”, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no âmbito do Sistema Nacional de Informações de Gênero (SNIG). Um dos dados levantados aponta que as mulheres que atuam no campo contribuem mais com a renda familiar (42,4%) do que as que vivem nas cidades (40,7%). Ainda de acordo com o IBGE, em 2000, as mulheres chefiavam 24,9% dos 44,8 milhões de domicílios

particulares. Em 2010, essa proporção cresceu para 38,7% dos 57,3 milhões de domicílios. Um aumento de 13,7 pontos percentuais.

Na ausência de pesquisas direcionadas para a atuação da mulher no setor do café em Rondônia, esse texto se propõe a apresentar a atuação de algumas mulheres em diversos segmentos, buscando dar visibilidade aos trabalhos que elas vêm desenvolvendo e aos desafios enfrentados.

Apesar de estar em áreas diferentes da cafeicultura, o amor pelo café é ponto comum, bem como a realização de diversos papéis ao longo do dia – mulher, mãe, dona de casa – e as lutas enfrentadas, diante das barreiras de gênero, que influem na credibilidade, no rendimento e acesso aos processos decisórios da cadeia.

Todos os perfis são de pioneiras na cafeicultura do estado, ou suas filhas, e têm origem nas principais regiões produtoras de café do país. Desde a infância trazem a dedicação ao café e estão dando continuidade aos trabalhos iniciados pelos seus pais.

SUZI APARECIDA DA SILVA

Cafeicultora, diarista e chefe de família

Sua relação com o café começou com os avós, que trabalharam em cafezais em Minas Gerais e no Paraná. Depois, na década de 1980, chegaram à Rondônia, trazendo o aprendizado de outras lavouras. Aos seis anos de idade, dava os primeiros passos na lavoura de café e não saiu mais. Após a separação, cuidar dos filhos, da lavoura e sustentar a família foram desafios enfrentados pela jovem. Ela busca conhecimento, por meio de cursos e palestras, que deram condições para que conseguisse melhorar a lavoura, obter mais recursos e, principalmente, abriram seus olhos para o manejo sustentável da lavoura. Ela cuida de 5 mil pés de cafés canéfora (conilon e robusta). Segundo ela, reduziu muito os gastos com defensivos agrícolas, só em 2017 foram R\$2 mil de economia, Suzi coloca tudo na ponta do lápis. Para somar à renda, ela também trabalha como diarista três vezes por semana e, se os vizinhos têm café para colher, ou serviços na lavoura, ela não se nega.

VILMA SCHMIDT

Cafeicultora, mãe e desbravadora

A capixaba não esconde seu apreço pelo café. “Vem de muitas gerações”, comenta. Desde os nove anos, no Espírito Santo, ela já ajudava os pais na lavoura. O marido, Ademar Schmidt, também cafeicultor, reforçou isso ao longo dos anos. Do Espírito Santo para Rondônia, em 1985, mudou os rumos de sua vida e da família. Veio acompanhando seu esposo para desbravar novas terras. Foram nove dias e nove noites embaixo de uma lona em um ‘pau de arara’. Sua filha mais velha, Ruth, tinha um ano e 11 meses. “Muito sofrimento!”, relembra dona Vilma. Compraram 18 alqueires em Alta Floresta d’Oeste (RO), a 20 quilômetros da cidade. No início, dona Vilma levantava de manhã, colocava uma merenda na bolsa e já ia para a lavoura, levando a filha ainda bebê. Trabalhava até 11h, voltava para casa, fazia o almoço e retornava ao cafezal. Hoje, com quase 60 anos, ela ainda ajuda o marido com o café, na preparação da alimentação dos trabalhadores na lavoura e na amontoa do café no terreiro, na época da colheita. Os sacrifícios e batalhas do início deram bons retornos, possibilitando investimentos. O maior deles, segundo ela, foi oferecer às duas filhas, Raquel e Ruth, a oportunidade de estudar.



Foto: Mario de Arruda

SUZI

“Não me imagino fazendo outra coisa a não ser lidar com o café. Meu sonho é poder dar uma vida melhor para os meus filhos, mais confortável que a que eu tive”.



Foto: Rutte-Schmidt

VILMA

“O café é tudo pra nós. Somos capixabas e gostamos mesmo é do café. A gente sempre trabalhou com ele e sabe que tem as recompensas disso”.

RAQUEL SCHMIDT

Amor de mãe para filha

Apaixonada por café, a jovem de 27 anos é a filha caçula da dona Vilma. É engenheira-agrônoma e atua em consultoria, trabalhando diretamente com café. Filha de capixabas, esta rondoniense tem o café em seu DNA. Cresceu no ambiente da lavoura e aos 17 anos ingressou no curso de Agronomia, na pós-graduação trabalhou na linha de nutrição do café e, agora, está percorrendo o Estado de Rondônia, atuando diretamente no campo, com os produtores. Sobre ser mulher e atuar em um setor como o do café, ela conta que foi um pouco difícil no começo. Tanto pelo fato de ser mulher como também por ser jovem. Mas ela não se intimidou e buscou seu espaço. No início, usava o sobrenome Schmidt ao se apresentar, “não dava gênero”, resalta. Então, quando ela ia pessoalmente o produtor ficava surpreso, provavelmente não esperava ser Schmidt uma mulher e tão jovem. Para Raquel, um dos principais diferenciais da mulher neste trabalho no campo é a atenção aos detalhes.

MARIA HELENA OLIVEIRA (DONA LENA)

Mãos calejadas e sorriso fácil

É daquelas pessoas que estão sempre com o sorriso estampado no rosto, mesmo no trabalho duro, sob o sol escaldante da Amazônia brasileira. A batalha que enfrenta dia a dia no campo é para levar o sustento para sua família. Começou cedo na lavoura, aos dez anos de idade, com o pai, no Município de Goioerê, no Estado do Paraná. A família plantava de tudo um pouco na pequena propriedade que tinham. Destemida, em 1981, aos 18 anos de idade, Dona Lena saiu do seu lugar de origem e foi para uma terra desconhecida e distante: o novo Estado de Rondônia. Foram longos dias de viagem com a família, em cima de um caminhão com estrutura precária – o famoso “pau de arara”, levando consigo os poucos pertences que possuía e os sonhos de uma vida melhor. Analfabeta, ela não teve oportunidade para estudar e sua vida foi sempre de trabalho. Apesar dos dois casamentos que não deram certo, ela conseguiu criar os cinco filhos, praticamente sozinha. Sua conquista foi oferecer a eles a oportunidade de educação e desenvolvimento que ela não teve. Para ela, o maior desafio foi lidar com a fome, quando criança e, depois, quando mãe. Foi com o trabalho na lavoura de terceiros que ela venceu a fome e a miséria. Atualmente, ela já tem sua casa própria e continua, aos 55 anos, trabalhando no campo. Na lavoura, ela diz que não tem diferença do homem para a mulher, trabalham de igual para igual. Mas é ela quem acorda mais cedo, faz o café e prepara o que ela e o atual companheiro vão comer na roça. E, após o trabalho duro na lavoura, quando chega a casa à noite, o serviço continua: é lavar roupa, cuidar da casa, fazer a comida para família e, no outro dia, a batalha recomeça, às cinco horas da manhã. Dona Lena passou toda sua vida no campo. Ela ama a agricultura, mas é o café que desperta paixão. Para ela, isso é motivo de orgulho.



Foto: Lutero de Brito

RAQUEL

“A gente vai à lavoura, está atenta em todos os passos, o produtor confia e conseguimos fazer um trabalho diferenciado”.



Foto: Renata Silva

MARIA HELENA

“O café que a gente colhe com todo amor vai pra cidade, pra mesa de rico, pobre, de todo mundo”.

ÂNGELA BERGER

Da cidade para o cafezal

Diferente da maioria das entrevistadas, ela não teve contato com o campo durante a infância. Mas, assim como as demais, hoje o café é seu meio de vida e ela não abre mão. Morava em Curitiba, no Paraná, antes de ir para o Município de Rolim de Moura, em Rondônia, ainda criança. Não conhecia lavouras de café e não tinha o menor interesse. Mas isso mudou há 16 anos, quando conheceu seu esposo, se apaixonaram e, com ele, veio outra paixão: o café. Determinada, Ângela sempre quis investir nos estudos. Terminou o ensino médio no Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos – CEEJA, aos 17 anos. Nesta época ela já ajudava o marido no beneficiamento do café, atuando no apoio à utilização da máquina secadora. Sem recursos, ela pediu ao sogro um pedacinho de terra para plantar café, e foi atendida. Com esta lavoura, conseguiu recursos para custear a faculdade de Ciências Contábeis. O seu intuito já era o de utilizar os conhecimentos adquiridos no curso para auxiliar na parte administrativa da empresa de beneficiamento de café. E assim foi feito. Os desafios de estar à frente das negociações com o café na empresa foram muitos. No começo, os produtores chegavam para tratar de negócios com ela e ficavam receosos, mas o marido sempre direcionava os clientes para Ângela. “Eles não tinham outra opção”, comenta. Foi importante conquistar a confiança dos produtores. Ela conta ainda que, ao longo dos anos, tem percebido um aumento do número de mulheres fazendo negócios com o café. “Agora as mulheres vêm, querem saber quanto deu o café delas, e estão sempre acompanhando”, destaca.

ALICE RECH

Da lavoura para o comércio do café

Em Rondônia desde os 12 anos de idade, veio da região de Cascavel, no Paraná, em 1979, com os pais e os irmãos. O pai foi primeiro ao novo estado, comprou uma área de terra e depois voltou para buscar a família. Alice lembra que foram do Paraná para Ariquemes (RO) numa ‘Rural’ – veículo robusto, forte que era utilizado para as mais diversas situações. Quando chegaram, seis meses depois da ida do pai, a área comprada tinha sido invadida e a família teve que buscar outro terreno. Começaram do zero. “Muita luta!”, relembra. Ela cresceu com a rotina da lavoura, habituada a ver o pai colher o café, torrar, moer e fazer todo o processo em casa. Consumiam o café que eles mesmos produziam. “Aprendi a gostar muito de café com meu pai”, relata Alice, que guarda de recordação o moinho que o pai, hoje falecido, utilizava. Alice costuma dizer que conhece o café do campo à xícara. Ela diz amar o grão e tudo o que está ligado a ele. Depois de ter atuado no setor madeireiro e em outras atividades, em 2009 Alice voltou às origens, e passou a atuar com uma empresa que trabalha diretamente com o café, na locação de máquinas multibebidas – bebidas quentes, derivadas do café –, e com a venda de cafés em grãos da marca Três Barras, sendo representante no Estado de Rondônia. Apreciadora de um bom café, na época não encontrava em Rondônia boas opções, viu nisso uma oportunidade. Junto com seu esposo participou de feiras de máquinas de café, experimentou diversas marcas e escolheu o café Três Barras como sua marca. Atualmente, trabalham ela e o esposo na empresa, com mais dois funcionários. Sobre a atuação da mulher no setor do café, Alice reconhece que a figura feminina ainda não se destaca.



Foto: Felipe Berguer



Foto: Juliana Turazza

ÂNGELA

“O café é tudo pra mim! Com ele eu consegui ser o que sou hoje, não troco por nada. Quero continuar atuando com café”.

ALICE

“Quando fala em café pensa-se já no homem, a mulher é lembrada mais para coar o café na cozinha. Mas eu busco com respeito conquistar o meu espaço. E no setor do café, que é um tanto machista, a gente, aos poucos, vai conquistando espaço”.



Rondônia avança na cafeicultura e aposta na colheita semimecanizada

Adoção que vai além da redução dos custos, pois incorpora tecnologias, com mais produção e qualidade

Enrique Alves,
Embrapa Rondônia





Foto: Renata Silva

Apesar da evolução dos últimos anos, ainda existem muitos desafios a serem superados na produção cafeeira no Estado de Rondônia. Os principais gargalos são a necessidade constante de melhoria da qualidade dos grãos e a falta de mão de obra no campo, principalmente no período de colheita.

A colheita é uma etapa crucial, sendo responsável por aproximadamente 40% do custo de produção. Isto quer dizer que, qualquer ação positiva, realizada nessa fase, pode apresentar grande impacto na vida do cafeicultor. Além das questões inerentes ao custo, às fases de colheita e pós-colheita são responsáveis diretas pela manutenção da qualidade do café e, conseqüentemente, a conquista de novos mercados consumidores, além da manutenção dos tradicionais, como commodities.

A evolução que está acontecendo no campo é muito dinâmica e precisa fazer parte de todas as etapas de produção. Isso passa por questões como o momento ideal de colheita e a busca por alternativas à mão

de obra manual. É nesse contexto que a colheita semimecanizada pode ser considerada uma nova conquista dos produtores no Estado de Rondônia, assim como ocorre em outras regiões. Essa tecnologia tem tudo para se tornar a ajuda que os cafeicultores precisam para reduzir custos e melhorar a qualidade do seu produto. A colheita semimecanizada se adapta bem às lavouras em produção e se baseia no princípio da poda programada ou de ciclo, que já é recomendada e praticada no cultivo dos cafés do tipo canéfora.

Do ponto de vista econômico da operação de colheita, nos levantamentos realizados com produtores e em ensaios experimentais, se observou que a diminuição pode variar entre 50% e 70% dos custos obtidos com a colheita manual tradicional no estado. Esta variação está em função dos ajustes das máquinas e das características da lavoura cafeeira como produtividade, arquitetura das plantas, arranjo espacial, entre outros.

Colheita semimecanizada: uma realidade em Rondônia

Apesar da Embrapa Rondônia ter iniciado trabalhos de pesquisa com a colheita semimecanizada do café em 2013, com pesquisas que envolvem melhoramento de plantas, técnicas de podas e novos arranjos espaciais, a primeira máquina adquirida para uso em lavoura comercial só ocorreu no final da safra do ano de 2015. Mas, o número de adeptos só tem crescido. Atualmente, estão em operação, cerca de 20 máquinas de colheita semimecanizada no Estado de Rondônia. Sendo consenso entre os usuários de que se trata de uma tecnologia que veio para ficar. Pois, são consideradas de preço acessível, variando, de acordo com o modelo, entre 80 e 150 mil reais. E, por não exigir uma adequação prévia da lavoura, possibilita o uso imediato da tecnologia.

Em Rondônia, são cerca de 22 mil produtores familiares de café, com área média plantada de 4 ha e produtividade média estimada para a safra de 2017 de 22 sacas/ha, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O uso da colheita semimecanizada, exige um perfil de produtor mais tecnificado, que não deve corresponder a mais de 10% dos produtores de café no estado. Entretanto, estes produtores poderiam acionar essa tecnologia de colheita de forma terceirizada, ou mesmo, por meio da compra coletiva realizada por intermédio de cooperativas, prefeituras e associações.



Evolução que vai além da redução dos custos de produção


Os ganhos com a aquisição e uso de tecnologia vão além da redução de custos e fazem parte da evolução contínua da agricultura pela busca de eficiência, qualidade e sustentabilidade. É uma mudança de vida para o produtor por permitir melhor gestão do seu tempo e induz o surgimento de novos perfis de trabalhadores rurais que, até então, não faziam parte do cotidiano da agricultura familiar como mecânicos, operadores de máquinas, entre outros. O processo de mecanização da lavoura, em seus diversos níveis, é um catalizador da evolução e da busca pela qualidade de vida no campo. Não reduz empregos, gera novas possibilidades.

Embora a colheita mecanizada em Rondônia, ainda esteja em fase inicial de adoção, a transformação que ela tem causado já se pode ser constatada no campo. Do ponto de vista da pesquisa científica, desde 2013, a Embrapa Rondônia está avaliando novos arranjos espaciais (densidade e espaçamento das plantas) para proporcionar maior produção e eficiência no uso das máquinas de colheita. Estes sistemas de colheita também têm influenciado nos critérios de seleção de novos clones como: arquitetura, porte, força de desprendimento e maturação dos frutos.

Lavouras em espaçamentos superadensados já se encontram instaladas em produtores parceiros da Embrapa Rondônia e os primeiros resultados são bastante promissores, com produtividade superior a 140 sacas/ha na primeira safra comercial. Na prática, os cafeicultores estão mais atentos para o uso de novos espaçamentos em seus plantios recentes. A distância entre linhas tem aumentado para proporcionar o trânsito de máquinas para colheita e manejo. Enquanto o espaçamento entre plantas tem diminuído consideravelmente, aumentando a quantidade de plantas/ha.

Definitivamente, a mecanização da colheita nas lavouras de café, seja em Rondônia ou em outros estados, veio para ficar. E, junto a ela, vem todo um pacote tecnológico que tem tudo para reduzir custos, elevar a capacidade produtiva e melhorar a qualidade do café.





“ O processo de mecanização da lavoura, em seus diversos níveis, é um catalizador da evolução e da busca pela qualidade de vida no campo. Não reduz empregos, gera novas possibilidades.”



Preparação de extratos a partir de material vegetal triturado e solventes.

A photograph of a laboratory setting. In the foreground, a large glass petri dish contains a yellowish-brown powder. To its left, a smaller dish contains a dark brown, granular substance. In the background, several glass bottles of varying sizes contain liquids of different colors: dark red, yellow, and clear. The scene is set against a dark blue background.

Sanidade vegetal: velhos inimigos e novos aliados da cafeicultura rondoniense

Pesquisa investe em alternativas de manejo que sejam tecnicamente eficientes, ambientalmente seguras e economicamente viáveis

José Roberto Vieira Júnior,
Embrapa Rondônia

“

Somente com um trabalho combinado, que envolva testes amplos, disseminação da informação e adoção correta é que as tecnologias produzidas serão capazes de alcançar o seu objetivo finalístico. ”

Cercosporiose em frutos de cafeeiro conilon.

Certamente você já viu esta cena: uma lavoura de café com folhas verdes balançando ao vento, o vermelho dos pés carregados de frutos, numa imensidão de campos sem fim. Pacífico, não?! Pois saiba que, bem diante dos seus olhos, um combate de proporções épicas transcorre. Hordas de inimigos microscópicos atiram-se incansável e incessantemente sobre as plantas, a fim de destruir suas defesas. O inimigo? Fungos, bactérias, nematoides e vírus! Assim, a lavoura de café torna-se um campo de batalha. Esses eventos tornam-se ainda mais dramáticos, quando ocorrem em ambiente amazônico, onde o clima é um forte aliado dos microrganismos, com temperatura e umidade do ar elevadas por longos períodos. Somem-se a isto, as fortes mudanças tecnológicas que vêm transformando o cultivo do cafeeiro na região, com adoção de irrigação, cultivares clonais, plantios adensados e colheita mecanizada, tem-se um cenário propício para enormes perdas de produção. Mas, se por um lado, os patógenos microbianos estão munidos de diversos mecanismos e estratégias para invadir e

colonizar os tecidos vegetais, do outro, as plantas contam com as defesas naturais e com poderosos aliados: a ciência e a tecnologia!

No contexto atual da sanidade das lavouras cafeeiras, têm sido destaque nas doenças tradicionalmente importantes, como a ferrugem, além do surgimento de novos desafios, como a meloidoginose, a mancha-aureolada e a escaldadura*. Nesse sentido, a Embrapa Rondônia vem investigando alternativas de manejo, que sejam tecnicamente eficientes, ambientalmente seguras e economicamente viáveis de serem adotadas pelos cafeicultores.

Dentre os trabalhos de pesquisa mais importantes em execução, encontram-se aqueles focados em caracterizar cultivares resistentes, uma vez que esta tecnologia é de fácil adoção por apresentar baixíssimo custo, podendo ser fornecida ao produtor rural por mudas ou sementes. Recentemente a Embrapa Rondônia caracterizou parte do seu Banco de Germoplasma de cafeeiros e identificou dezenas



Aplicação de extratos vegetais em substrato com muda de cafeeiro, infestado com nematóide das galhas.

Foto: Elize F. M. Anjos

de plantas clonais com resistência à *Meloidogyne incognita*, *Hemileia vastatrix* e a *Cercospora coffeicola*, entre outros patógenos. Estes clones superiores encontram-se em fase final de avaliação e os melhores certamente irão compor as futuras cultivares de café conilon e ‘Robusta’, que serão disponibilizadas ao agronegócio e cafeicultores de base familiar nos próximos anos. Trabalho este já realizado com sucesso para a cultivar de café Conilon BRS Ouro Preto, lançada em 2012 pela Embrapa.

Paralelamente, estudos envolvendo métodos de tratamento de substratos, para a produção de mudas isentas do nematoide sem o uso de agrotóxicos estão em andamento. Dentre eles, destacam-se os testes adaptativos do “Solarizador de substratos”, equipamento que utiliza a energia solar para a pasteurização de solo, eliminando microrganismos nocivos ao cafeeiro e preservando os benéficos. Também, encontra-se em testes a “Biofumigação”, processo pelo qual as plantas são incorporadas trituradas ao substrato de plantio e, ao se decompo-


rem, liberam compostos tóxicos com propriedades nematicidas, bem como a produção de extratos, à base dos princípios ativos dessas mesmas plantas, para a aplicação no substrato, visando à erradicação do patógeno.

A pesquisa agropecuária, porém, não pode trabalhar só. Ela depende do apoio dos extensionistas rurais e dos cafeicultores. Somente com um trabalho combinado, que envolva testes amplos, disseminação da informação e adoção correta é que as tecnologias produzidas serão capazes de alcançar o seu objetivo finalístico, que é máxima produção, com menores custos e riscos às famílias rurais produtor e ao consumidor urbano, visando uma produção mais sustentável.

*Nota do autor: ferrugem, meloidognose e mancha-aureolada são doenças do cafeeiro, causadas, respectivamente pelo fungo *Hemileia vastatrix*, pelo nematoide *Meloidogyne spp.* e pela bactéria *Pseudomonas syringae pv. garcae*. *Cercospora coffeicola* é o fungo causador da doença cercosporiose do cafeeiro. A escaldadura-das-folhas é doença abiótica, com causas pouco conhecidas.



Nova cultivar de café híbrido da Embrapa Rondônia.



Melhoramento genético: trabalhando o que Rondônia tem de melhor

Novas variedades e Programa Melhoramento Participativo são apostas para cafeicultura do futuro.

Alexsandro Lara Teixeira,
Embrapa Rondônia

A cafeicultura de Rondônia tem passado por transformações positivas na última década, com aumento da eficiência. A produtividade cresceu quase 100%, com redução de 43% da área plantada, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O desafio encarado agora pelos 22 mil produtores é a melhoria da qualidade e a conquista de novos mercados.

Os diferenciais de Rondônia para a cultura, além das características edafoclimáticas (solo, topografia e clima) favoráveis ao pleno desenvolvimento do café canéfora (conilon e robusta), são a tradição do produtor e material genético diferenciado. Rondônia se destaca pela presença em suas lavouras de novos clones híbridos de robustas e conilon com alto potencial produtivo e de qualidade de bebida. Apesar de os cafés do tipo conilon também produzirem qualidade, os robustas são reconhecidos por serem plantas mais vigorosas e apresentarem grãos de peneira alta e bebidas de sabor e aroma muito apreciados por especialistas. Estes híbridos têm potencial para atender não somente a indústria, como a clientes mais exigentes e ávidos por novos sabores e produtos diferenciados.

A prova disso, é que Rondônia possui uma das poucas cafeterias do mundo especializada no preparo e comércio de cafés robustas finos. E tem como matéria prima os melhores cafés produzidos e selecionados no estado pelos proprietários. Segundo eles, a aceitação do público tem sido extraordinária dentro e fora do estado e o café tem sido referenciado como uma bebida forte e de corpo aveludado.

Neste contexto, a Embrapa tem trabalhado nos novos rumos do melhoramento de café canéfora, com a adoção de critérios de seleção de clones baseados na qualidade de bebida e em novos sistemas de plantio mecanizado. A Empresa busca clones que, além de alta produtividade e tolerância a pragas e

doenças, também se adequem a novos espaçamentos e arquitetura favoráveis à mecanização e qualidade de bebida.

O programa de melhoramento de café da Embrapa Rondônia tem investido na realização de cruzamentos entre conilon e robusta, com o objetivo de reunir várias características de interesse em uma mesma planta. Após quatro anos de avaliação foi possível selecionar plantas de porte baixo altamente produtivas (acima de 100 sacas por hectare), que apresentam maior tamanho dos grãos, ótima qualidade de bebida e resistência à ferrugem. O lançamento desses clones híbridos está previsto para 2018, com indicação de plantio para toda a região Amazônica.

Outra linha de pesquisa inovadora é o desenvolvimento de uma cultivar de café arábica adaptada às condições climáticas da Amazônia, trabalho realizado por mais de 12 anos. Este trabalho busca suprir a demanda desse tipo de grão na região, tanto para produção de cafés especiais como na utilização dos blends – mistura de grãos realizada pela indústria. Além da demanda, o cultivo também pode ser beneficiado pelas extensas áreas planas distribuídas por toda a região, viabilizando a colheita mecanizada e reduzindo significativamente os custos de produção.

O processo de seleção ainda está em andamento e os resultados iniciais já demonstraram bom potencial do café arábica para a região. Em algumas áreas de cultivo com altitudes acima de 300 metros a produtividade média foi de 40 sacas/ha. Além disso, esses cafés alcançaram notas acima de 80 pontos na escala da Associação Americana de Cafés Especiais (SCAA), classificando-os como especiais. A previsão também é de lançamento de uma cultivar indicada para plantio nas condições climáticas da Amazônia em 2018.



“ a propriedade rural não é mais vista apenas como um local de validação de tecnologia, ela guarda em si grande potencial de riqueza genética que a Embrapa pretende desvendar e compartilhar com todo o setor produtivo do café. ”

Nova cultivar de café híbrido da Embrapa Rondônia.



Foto: Renata Silva

Programa de Melhoramento Participativo do Café

Com foco na cafeicultura do futuro, a Embrapa está em fase avançada de discussão e implementação do Programa de Melhoramento Participativo do Café. Este tipo de melhoramento pode ser considerado audacioso, pois não tem no produtor apenas um usuário da tecnologia clonal, mas leva em conta o conhecimento e a perspicácia desse cafeicultor que, durante anos, vem selecionando em sua propriedade os materiais que mais se adaptavam às suas condições de manejo e produção.

Este processo participativo tem potencial de reduzir tempo, custo, ampliar a base genética e melhorar a atuação da Empresa junto ao produtor. Isso favorece a adoção de tecnologias e o consequente desenvol-

vimento da cafeicultura. Atualmente, o estado tem mais da metade do seu café seminal (propagado via sementes) e com grande variabilidade genética. Riqueza que não pode se perder com o avanço do uso de clones, que, apesar de ser considerado um avanço no campo, leva ao estreitamento genético, em virtude da preferência dos cafeicultores por alguns clones de características específicas. Isso prejudicaria enormemente a seleção de materiais baseados em demandas futuras, quer sejam elas sanitárias ou mercadológicas.

Neste Programa Participativo, a propriedade rural não é mais vista apenas como um local de validação de tecnologia, ela guarda em si grande potencial de riqueza genética que a Embrapa pretende desvendar e compartilhar com todo o setor produtivo do café.



CAFÉ DE RONDÔNIA. CAFÉ COM CHEIRO DE OPORTUNIDADES DE NEGÓCIO.

O café de Rondônia está ganhando cada vez mais espaço nas lavouras do estado e nas mesas do Brasil. A busca pela excelência é estimulada pelo Governo do Estado, que distribui mais de 3 milhões de mudas de café clonal, oferece assistência técnica e promove concursos que buscam inspirar o cafeicultor e reconhecer a produção de qualidade. Hoje a produtividade chega até 150 sacas por hectare. A produção cresceu mais de 18% no último ano e deve continuar crescendo, porque a demanda segue embalada com grandes mercados, como a China, descobrindo o café do Brasil. Para quem sente o cheiro de oportunidades de negócio no ar, a cafeicultura, em Rondônia, está no ponto. Pronta para grandes parcerias.



RONDÔNIA
Governo do Estado



Robustas de Rondônia, no rumo certo para a qualidade

**Cafés da Amazônia têm tudo para surfar nessa
onda de reconhecimento dos canéforas**

Enrique Alves,
Embrapa Rondônia

Que o Estado de Rondônia é o segundo maior produtor de cafés canéfora (robusta e conilon), você já deve saber. O que passa despercebido é o grande potencial que o estado e a região Amazônica têm para ser um polo produtor de Robustas finos. Você pode estar se perguntando: mas robusta e conilon não é tudo a mesma coisa? Na verdade, não! Mesmo que comercialmente não se faça distinção e ambos pertençam à mesma espécie, *Coffea canephora*, são diferentes! Robusta e conilon têm características de plantas, frutos e propriedades organolépticas – cor, sabor e aroma – que os distinguem.

O Brasil, por influência do Espírito Santo, maior produtor de canéfora do país, convencionou chamar todos os cafés canéfora de Conilon, enquanto o resto do mundo usa o termo Robusta. Até aí, nada demais, e o mercado consumidor convive bem com as duas nomenclaturas. Mas, os cafés canéfora, até pouco tempo relegados à posição de coadjuvantes, utilizados para baratear o produto em blends (misturas) com arábica, ou ainda na indústria de solúveis, está, aos poucos, mudando de patamar. É nesse momento que a distinção entre robusta e conilon, por mais sutil que possa parecer se faz interessante.



Marcelo Braun, 3º colocado no Concurso de Qualidade do Café de Rondônia de 2016.



Café despulpado.

Nova visão dos cafés conilon e robusta no mercado

O alto rendimento industrial, o maior teor de cafeína, a bebida neutra e encorpada serão sempre características importantes no canéfora. Entretanto, mesmo a indústria já identificou o potencial que a melhoria de qualidade pode trazer. Com isso, não só aumentaria o rendimento dos grãos, como seria possível aumentar a porcentagem desses cafés nos blends. Mas, a grande mudança, está mesmo no que diz respeito à produção de Robustas finos. Estes são cafés em que as características sensoriais vão além do corpo e da neutralidade.

Os robustas e híbridos (cruzamentos de robusta e conilon), que estão hoje no campo, têm nuances como acidez agradável, doçura, aromas e sabores que lembram chocolates, nozes e frutas. Tudo isso sob uma nova ótica sensorial, numa paleta específica e característica dos cafés canéfora. E, quem diz isso são os especialistas em degustação de cafés, os Q-graders, que se baseiam também no Protocolo de Degustação de Robustas Finos (PDRF), lançado em 2010 pelo Coffee Quality Institute (CQI).



“É, nesse contexto, de novos padrões de qualidade e mercados gourmets, ainda pouco explorados pelos cafés canéfora, que Rondônia, principal representante da cafeicultura na região Amazônica, tem tudo para se destacar.”

Espaço aberto para os Robustas finos de Rondônia

É, nesse contexto, de novos padrões de qualidade e mercados gourmets, ainda pouco explorados pelos cafés canéfora, que Rondônia, principal representante da cafeicultura na região Amazônica, tem tudo para se destacar. O estado tem vocação natural para a produção de Robustas finos, considerados os robustas puros ou os híbridos. Os solos são planos, agricultáveis e o clima favorável. Com média pluviométrica que pode ultrapassar de 2.000 mm de precipitação anual e temperaturas altas o ano todo, o desenvolvimento destes cafés se destaca. Tanto que, em uma visita ao parque cafeeiro no Estado se verifica que os principais clones comerciais plantados são híbridos, com características predominantes dos robustas.

Conhecidos pelo crescimento vigoroso, porte alto e exigência em água e fertilidade do solo, os híbridos têm se dado muito bem com as mudanças pelas quais a cafeicultura tem passado na última década. Esta evolução passa pelo uso de clones superiores, poda programada, irrigação e colheita mecanizada. O impacto pode ser visto no ganho em produtividade média do estado, que saltou de nove sc/ha para 22 sc/ha nos últimos sete anos, e começa a ser reconhecido também na melhoria de qualidade dos grãos.



Sérgio Kalk, campeão do Concurso de Qualidade do Café de Rondônia de 2016.



Robustas de Rondônia têm qualidade reconhecida

No quesito qualidade, quando comparados aos conilons, os robustas tendem a ter grãos de peneiras maiores e se destacam como cafés de corpo agradável e tendência a nuances sensoriais que vão além da neutralidade. Ainda na década de 1980 experimentos de caracterização da qualidade realizados por pesquisadores da Embrapa Rondônia, em parceria com o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), observaram características sensoriais superiores dos robustas. Mais recentemente, baseado no PDRE, foi realizado um amplo estudo genético na coleção de clones canéfora de elite da Embrapa Rondônia, e, novamente se identificou a tendência para produção de cafés finos nos robustas e híbridos.

Estes resultados de pesquisa já são constatados na prática. Um exemplo disso é que Rondônia é um dos poucos locais no mundo com uma cafeteria que se especializou em servir Robustas finos. Outro exemplo pode ser observado na Semana Internacional do Café, ocorrida em Belo Horizonte (MG), em 2016, onde os cafés Robustas finos de Rondônia tiveram destaque positivo. Foram comparados, por especialistas, aos famosos ‘Robustas Indianos’ e despertou entusiasmo e surpresa nos visitantes do estande. Suavidade, aroma e corpo dos Robustas finos de Rondônia eram características realçadas pelos degustadores leigos e profissionais. Estes cafés foram vendidos a preços compatíveis aos dos melhores cafés em exposição.

Estes fatos demonstram o potencial, ainda pouco explorado, dos robustas de qualidade. Retratam o apelo ambiental, social e comercial que os cafés produzidos na Amazônia podem ter e que esta região tem tudo para surfar nessa onda de reconhecimento da qualidade sensorial dos canéforas.

Então, avante! Que venham os ‘Robustas de Rondônia’! Sabor e qualidade que vêm da Amazônia.

Mais sabor, por favor!

Negócio de família desenvolve a qualidade do campo à xícara e apresenta os robustas de Rondônia a novos mercados

Renata Silva,
Embrapa Rondônia

O empresário Bruno Assis comenta com orgulho: “Somos a única cafeteria que trabalha com robusta no mundo”. Uma exclusividade que não se fez ao acaso e que está embalada ao sonho de uma família paulista que é apaixonada pelo café e que não mede esforços para mudar paradigmas, superar desafios e produzir o melhor café possível. O caminho percorrido por esta família e seu negócio em Rondônia passou do desconhecimento e descrédito do café do estado, para o desenvolvimento de um padrão de qualidade do campo à xícara, até o sucesso e o reconhecimento do sabor do robusta de Rondônia. “Nós levamos o café de Rondônia para o Brasil e o mundo conhecerem”, conta o empresário Bruno Assis.

Natural de Fernandópolis, SP, o jovem Bruno Assis, de 25 anos, está à frente da cafeteria Juninho Soft Café e da Amazônia Coffee, o primeiro café gourmet da Amazônia brasileira, com grãos 100% Robusta e alto nível de qualidade. Nos negócios da família, participam o pai e a mãe. A irmã segue outros caminhos na vida estudantil. O papel de Bruno nas empresas é na gestão da qualidade da bebida, torra, e no marketing do café. Como barista – especializado em cafés de alta qualidade –, ele trabalha criando novas bebidas baseadas no grão e levando o produto de Rondônia aos quatro cantos do mundo. Autodidata, o jovem segue buscando conhecimentos. “Gosto de estar bem informado e sempre trago novidades do mundo do café para Rondônia”, comenta o empresário.



Bruno Assis no preparo do café.

A descoberta da qualidade do robusta de Rondônia

Ele veio de São Paulo com 17 anos e, aos 19, montou com a família o Juninho Soft Café, em Cacoal, a primeira cafeteria do interior de Rondônia, que também era sorveteria. A princípio, utilizavam apenas o café arábica, os grãos eram de Minas Gerais. Trabalharam por três anos assim. No quarto ano, Bruno resolveu que precisavam torrar o grão, para ter uma marca própria de café. “Estávamos na capital do café e não tínhamos o café local, os clientes nos cobravam isso”, conta Bruno.

Em conversa com o conhecido técnico da Emater-RO, Benedito Alves, que trabalha com classificação de café, o empresário também foi questionado do porquê de não trabalhar com o grão de Rondônia. Bruno disse na época que sempre ouviu falar que o café de Rondônia não era bom. Benedito disse, então, que existe café bom e ruim em qualquer lugar do País. “Se você selecionar vai encontrar cafés excelentes aqui”, relembra Bruno a frase do técnico que o motivou na busca pelos cafés de qualidade em Rondônia. Pegou os contatos de produtores e foi atrás da matéria-prima de qualidade.

Encontraram lavouras muito boas e perceberam que faltava trabalhar melhor a colheita e pós-colheita dos grãos, bastava orientar o produtor. Assim fizeram. Começaram a comprar os cafés de alguns produtores selecionados, torrar – com torrador emprestado – e conseguiram encontrar um bom sabor. “A princípio era meio a meio robusta com arábica e, aos poucos, fomos diminuindo a quantidade do arábica até chegar ao 100% robusta”, recorda.

Quebraram paradigmas, saíram do descrédito do café de Rondônia para a surpresa do sabor encontrado. “Na época nos chamaram de loucos, porque fazíamos cafés que eram o avesso do que todos estavam acostumados a beber. Aí decidimos não dar atenção ao que os outros falavam, mas sim ao que os clientes falavam”, reforça Bruno. E os clientes elogiavam o café: saboroso, aromático, gostoso.

Depois disso, a notícia de que a bebida do robusta de Rondônia era muito boa percorreu o estado e vieram as parcerias com a Emater-RO, Embrapa Rondônia, Sebrae e demais instituições.

A partir daí, o robusta do estado passou a ser levado para feiras regionais, nacionais e internacionais, representando o café de qualidade de Rondônia. Chamou e continua chamando a atenção por onde passa, atraindo curiosos e especialistas que elogiam muito o café. “Chego a diversos lugares do Brasil e do mundo, faço nosso café e é aprovado”, afirma Bruno.

De Rondônia para o mundo

Que o café de Rondônia tem sabor diferenciado e apreciado, isso já foi provado. Agora, segundo Bruno Assis, é preciso seguir algumas etapas para que o café de Rondônia conquiste novos mercados e se consolide. É preciso cuidar da qualidade do fruto no campo, seguindo as recomendações técnicas nos processos de colheita e pós-colheita. “Ainda recebemos amostras de café com muitos grãos quebrados, com defeitos, broca e muitos grãos verdes e mal secados. Estes cafés não têm qualidade, não tem valor”, alerta Bruno.

O empresário destaca também a necessidade de o café de Rondônia ter certificação, apontando quais são as notas aromáticas e sensoriais dos grãos. “Quando o café é bem cuidado, ele vai ter aromas únicos e essa produção tende a ser valorizada. Não há quem compre uma coisa que não existe. Primeiro precisamos fazer a qualidade do café de Rondônia existir e ter em quantidade suficiente para suprir o mercado”, destaca, complementando que a certificação de origem, a rastreabilidade e a classificação dos cafés são pontos essenciais para competir no mercado.

Além da qualidade, também é preciso ter quantidade. Ele reforça que é preciso passar segurança aos compradores de que os produtores de Rondônia estão conscientizados e organizados o suficiente para



“
Não tem dois
caminhos,
apenas o da
qualidade.”

Bruno Assis na torra do café Robusta.

entregar durante todo o ano cafés com qualidade e em volume que atenda mercados internacionais. A criação de uma cooperativa mista seria uma boa alternativa, segundo o empresário, envolvendo a cadeia produtiva de forma organizada.

Para Bruno Assis, os primeiros passos estão sendo dados e a qualidade do café de Rondônia tem melhorado. O concurso de Qualidade do Café de Rondônia – ConCafé, tem motivado o produtor. “Não tem dois caminhos, apenas o da qualidade”, arremata.


O futuro

Nos negócios da família, Bruno tem a expectativa de colocar no mercado os cafés de Rondônia torrados em maior escala. Pretende abrir mais espaço também para o arábica produzido no estado. “É preciso investir também no arábica em Rondônia”,

comenta. E já há pesquisas da Embrapa demonstrando esta viabilidade no estado.

Para Bruno, o futuro já começa a acontecer e os jovens estão preparando o caminho. A juventude está na lavoura, nas torrefações, inovam nas cafeterias e, como consumidores, exigem mais praticidade no preparo do café, mas com sabor, origem, certificação e sustentabilidade. Em dez anos, ele acredita que as bebidas à base de café terão ainda mais espaço que o café puro. “O café é um conceito. Vai deixar o glamour para ter mais praticidade”, conclui Bruno Assis.

“A parte de Deus foi feita, com boas condições climáticas para a produção de um café genuíno. Agora é a nossa parte. Cada um dos atores da cadeia do café precisa dar o seu melhor. Aí o futuro, com certeza, será de muita prosperidade para o café de Rondônia”, vislumbra o empresário.



Prepare seus sentidos para experimentar o café em uma nova realidade

O café é mais que campo, é também pesquisa e tecnologia.

A Embrapa Rondônia convida você para uma imersão no mundo do café. Acesse o canal da Embrapa no Youtube e faça sua viagem.

<https://www.youtube.com/user/videosEmbrapa>



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

